

CONSELHO
REGIONAL DE
PSICOLOGIA
CRP - 04



G E S T Ã O
P S I C O D I V E R S I D A D E

j o r n a l d o
P S I C Ó L O G O

BELO HORIZONTE, ANO 10 - Nº 44
NOVEMBRO/DEZEMBRO 1993

COF
CRP 04

■ Com a palavra, Leonardo Boff. Página 3.

■ Psicólogo denuncia armadilha do sexualmente correto. Página 4.



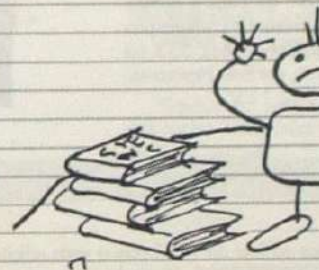
■ Filha da Mãe - um estudo sobre mulheres homossexuais. Página 5.



■ Solidariedade no combate a fome ou esmola coletiva? Página 9.



■ Escola: reprovada em sua função transformadora. Página 11.



■ A Psicologia e a Psicanálise na era de exclusão do sujeito no campo da cientificidade. Página 12.

■ Suplemento: Incesto

■ Encarte: Redefinição da Psicologia

○ Conselho Regional de Administração tem tentado obrigar alguns psicólogos e clínicas de Psicologia a se inscreverem na referida autarquia. No entanto, conforme parecer do Conselho Federal de Psicologia, a partir da análise das Leis nº 4.119/62 e nº 4.769, foi constatado que as áreas de Recrutamento, Recursos Humanos, Relações Humanas, Seleção e Treinamento constituem áreas de interseção e podem ser exercidas por profissionais de Psicologia ou Administração.

É garantido o exercício dessas atividades aos administradores, desde que não sejam empregadas técnicas ou métodos psicológicos, que são de uso privativo dos psicólogos. Sendo, portanto, área de interseção, cada profissional deve ser inscrito em seu respectivo Conselho Regional. Nesse sentido, os psicólogos não devem cumprir qualquer determinação do Conselho Regional de Administração. E em caso de qualquer tentativa de lesão a seus direitos, o CRP-04 propõe aos psicólogos que busquem proteção judicial. Caso haja necessidade de mais informações ou esclarecimentos, entre em contato com a Assessoria Jurídica ou com a Câmara de Orientação e Fiscalização do CRP-04.

○ CRP-04 funciona de 12:30 às 18:30 horas.

○ CRP-04 acaba de fechar mais um convênio para os psicólogos inscritos. A partir de agora, terão desconto de 10% na Farmácia Homeopática Núcleo do Ser que também oferece desconto de 5% na compra de livros e alimentos. Basta apresentar carteira profissional. Rua Congonhas, 553, no Santo Antônio, em Belo Horizonte. Tel.: (031) 342.1355.

A gestão PSICODIVERSIDADE está concluindo pesquisa que se propõe a subsidiar o Processo Constituinte da Psicologia, escutando um importante público para esta redefinição da profissão: a população. Nesta pesquisa, o entrevistado respondeu a questões como: "se sabe o que é Psicologia", "se já foi atendido por algum psicólogo", "qual a avaliação do serviço prestado", "em que situação o psicólogo deve ser procurado", "se já fez algum tratamento usando técnicas alternativas", entre outras. Foram aplicados 400 questionários distribuídos proporcionalmente em diversas cidades da 4ª Região. A coordenação é dos psicólogos Ricardo Figueiredo Moretzsohn e Maria do Carmo Martins Fonseca. O resultado da pesquisa será divulgado na próxima edição do Jornal do Psicólogo.



Quem foi, votou. Quem não foi, fica sabendo agora. A Assembléia Geral Ordinária dos Psicólogos, realizada em 05 de novembro deste ano, teve como uma de suas prioridades a votação da anuidade do CRP-04 para o próximo ano. Ficou deliberado pela assembléia que o valor a ser pago por todos os psicólogos e clínicas de Psicologia (cerca de 10 mil) no exercício de 1994 terá o mesmo índice de 1993, ou seja, 110 UFIR. A anuidade deve ser paga até março, mas haverá desconto para quem antecipar o pagamento. Em janeiro será cobrado o valor de 90 UFIR e, em fevereiro, de 100 UFIR. Em caso de dúvida, ligue para o CRP-04: (031) 261.1146.



O Rei Pasmado e o Povo Nu

Pouco mais de um ano após o impeachment de Fernando Collor de Mello, assistimos, quase que paralisados, aos desdobramentos da CPI do Orçamento no Congresso Nacional. Acompanhamos, perplexos, pela TV, rádios e jornais, aos depoimentos dos acusados e seus lapsos de memória, à revelação de bárbaro assassinato, à tentativa de suicídio. A reação tem sido de choque.

A existência de corrupção neste país nunca foi novidade para o brasileiro razoavelmente informado. Mas ninguém poderia imaginar que os tentáculos deste gigantesco polvo - alimentado pela impunidade - seriam tão vorazes e tivessem tão longo alcance.

Mas a maior perplexidade não está na roubalheira generalizada em meio à tanta fome e falta. Não está também nas desculpas esfarrapadas ou nas barbáries cometidas em nome da corrupção. Ficamos perplexos porque tamanho desrespeito e brutalidade, agora reveladas, nos deixam uma incômoda - mas fértil - indagação: qual a nossa responsabilidade diante de tudo o que tem sido feito ou desmascarado? Ficamos com o gosto amargo de quem permite o insuportável.

Agora, ao que parece, não há mais como retroceder. É hora de quebrarmos esta estrutura corrupta e decadente - que se manifesta nas mais diversas esferas de nossa sociedade - e construirmos uma nova, em cujo processo esteja implícita nossa responsabilidade. Responsabilidade esta que se expressa pelo nosso voto, em nossas condutas cotidianas, em nosso exercício profissional.

No que diz respeito especialmente aos psicólogos e sua responsabilidade social, temos um compromisso já com data marcada: agosto de 1994, quando acontecerá o Congresso Nacional Constituinte da Psicologia no Brasil. Neste fórum poderemos optar se queremos olhar de frente para a Psicologia, para a qualificação de seus profissionais e sua adequação às demandas da população ou se preferimos nos ater a questões burocráticas e corporativas.

É hora de optarmos: ou ficamos no lugar de quem se omite, assiste e depois reclama e lamenta, ou nos tornamos donos de nosso destino, fazendo de nossa profissão um meio de nos tornarmos cidadãos. Cidadãos brasileiros.

7º Plenário - Gestão Psicodiversidade

Chegamos ao final de 1993 com a sexta edição do Jornal do Psicólogo na gestão PSICODIVERSIDADE. Baseado nas propostas do 7º Plenário, o projeto editorial buscou apresentar uma publicação menos institucionalizada e mais plural, com abordagens específicas da Psicologia e outras, de diferentes áreas, que pudessem contribuir para a teoria e prática do psicólogo. Se fomos ou não bem-sucedidos, só você, leitor, poderá nos dizer. Mas antes de dar seu veredito final, sugerimos que acompanhe mais um JP. Ele está em suas mãos.

Este número começou a se esboçar com a definição do tema do Suplemento Escuta. Matéria de estudo de psicólogos e outros profissionais, o Incesto é aqui apresentado sob duas formas. Uma é vista sob a ótica antropológica, baseada na passagem do primitivo ao cultural e, outra, psicológica, inclui relatos de experiências incestuosas, reunidos pelo pesquisador e autor do artigo.

Este Suplemento tenta ser uma contribuição ao psicólogo de qualquer campo, assim como a síntese de dissertação de mestrado sobre a relação mãe-filha

homossexual, publicada na página 5. A homossexualidade também é abordada na página 4 a partir do confronto entre as afirmações contidas em nota divulgada pela imprensa e a avaliação qualificada de Messias Eustáquio Chaves.

A análise de informações veiculadas pela mídia, e facilmente absorvida pela população, tenta ser uma contribuição, mesmo que remota, à construção da cidadania neste país. Palavra gasta de tão pouco uso, a cidadania é abordada de formas absolutamente distintas em três momentos desta edição: no artigo da página 9, José Newton Garcia de Araújo ousa ser a voz discordante e questiona esta "solidariedade sem traça" deflagrada com a Campanha Contra a Fome. Na página 11 é lembrado o papel da Educação na formação da cidadania, condição esta que passa, na opinião de Leonardo Boff, por erros e acertos: único caminho para a construção do sujeito ético.

Ricardo F. Moretzsohn

Coordenador da Câmara de Comunicação Social

O que o senhor tem a dizer sobre a nova Encíclica Papal?

A Encíclica é um documento extremamente complexo. Tem três partes. A primeira delas, bíblica, eu considero muito boa, pois funda a exigência ética no elemento religioso numa instância que pode pedir ao ser humano compromissos até mesmo contra seus próprios interesses. A segunda, filosófica, eu considero mediana, tradicionalista, porque se baseia exclusivamente na natureza humana, numa compreensão metafísica; rejeita as várias correntes éticas da cultura moderna; não estabelece nenhum diálogo criativo que valorize a busca séria de toda nossa geração e na sociedade mundial, de parâmetros éticos. A igreja aí se apresenta como a portador da monopólio, do discurso do que é bom, do que é errado, do que é carotenho, do que é mau. Essa segunda parte eu considero arrogante e, digamos, muito auto-centrada nos interesses corporativos da Igreja. E a terceira parte, que é a mais pastoral, mais prática da igreja, é uma parte ruim. Porque aí o papa disciplina os teólogos, as várias opiniões, e aplica o argumento da autoridade. Para sabermos o que é bom ou mau aos olhos de Deus, devemos perguntar ao papa. Essa visão é equivocada porque torna impossível o discurso ético. O discurso ético vive do respeito à consciência das pessoas, do sentimento da responsabilidade e vive do incentivo à liberdade. Quando a consciência é diminuída, a liberdade tolhida e a responsabilidade vigiada, destrói-se o sujeito ético. Essa terceira parte é eticamente complexa e perigosa porque acentua de tal maneira a autoridade que torna supérflua a consciência humana. Isso eu considero um atentado ao sujeito ético e essa parte é a pior, a mais inútil e que vai trazer traumas aos cristãos leais à igreja e ao mesmo tempo, um isolamento da autoridade que vai falar sozinho.

ESTADO DE MINAS

ENTRE VISTA

Desde 1970, quando começou a publicar livros e artigos, divulgando a Teologia da Libertação, a igreja católica tentava impor-lhe o silêncio. A censura cessou em 28 de junho de 1992, quando finalmente abandonou sua condição de teólogo franciscano. Mas esse catarinense, batizado Genézio Darcy, não se calou. Agora tem falado com a liberdade que sempre defendeu. Com a palavra Leonardo Boff.



Esta Encíclica não foi dirigida aos leigos cristãos...

A Encíclica é dirigida aos bispos, ou seja, a suprema autoridade, que é o papa, dirige uma carta a autoridades subalternas. Isso revela frequência de autoridade. Ela sente que não vai ser acolhida pelos leigos, pelos cristãos, pelas pessoas sensatas e então dirige aos próprios colaboradores imediatos procurando convencer a convencidos. Considero isso uma estratégia de medo e uma autoridade como o papa não deve trabalhar com medo, porque a medo revela, em termos religiosos, ausência de fé.

Esta nova Encíclica Papal pode ser comparada, guardadas as devidas proporções, à Inquisição, só que desta vez estariam sendo levados à fogueira os hereges pertencentes à própria Igreja?

O documento preparatório que foi publicado era a ressuscitação da inquisição. Obrigava os bispos a vigiar os teólogos, punilos, retirar o título de Católica de universidades, escolas, hospitais que não seguem estritamente as determinações de Roma. Já o documento final é melhor, mais suave. Ele cobra vigilância mas não impõe castigos tão severos. Certamente porque percebeu a reação mundial extremamente negativa contra aquele documento preparatório. Por outro lado podemos dizer que um documento oficial do Vaticano, publicado pelo papa, tem que contar com a aceitação das comunidades. Se não tem aceitação, perde o valor histórico. O próprio título, do meu modo de ver, revela a tendência: "O Esplendor da Verdade" sugere que o cristão olhe com seus olhos abertos diretamente para o sol. Quando olhamos direto para o sol, ficamos cegos. O Esplendor da Verdade é tão potente que nos esmaga. A condição humana peregrina é olhar de forma desviada do sol; ver à luz do sol. Crieio que esta Encíclica peca pelo excesso da verdade. Muitas vezes o excesso da verdade é pior que o erro. Leva as pessoas a rejeitarem a verdade por ser irriável, desumana, cruel e sem piedade.

Esta encíclica peca pelo excesso da verdade. De qual verdade o senhor está falando?

O ser humano acha isso muito bom como ideal, que tudo deve ser perfeito, tudo tem que ser feito com a melhor das intenções, tudo deve seguir a natureza humana porque esta tem a lei divina dentro dela que se espelha e o ser humano tem que ser fiel, ouvinte e obediente a esta lei natural que se revela na sua racionalidade, na sua vontade, no seu corpo, na sua mente. O ser humano sabe tudo isso. Mas sabe também que é um ser frágil, doente, sabe que não é só homo sapiens, é também homo demen. E que ele lentamente tem que aprender as coisas desde a infância. Entre dúvidas, acertos e buscas, vai descobrindo o que é bom para ele e para a humanidade, aquilo que é bom também na sua relação com Deus. Tudo isto está praticamente ausente na Encíclica. Ela supõe pessoas altamente adultas, sumamente

inteligentes e com extrema capacidade e vontade de assumir o projeto de bondade, que se toma excessivo. Não é o ser humano histórico: é o anjo. Já o Kant, o grande filósofo da Ética, dizia: só duas instâncias não tem ética: que são os animais, que não precisam porque têm o instinto e Deus, que não precisa porque está para além do bem e do mal. O ser humano precisa da ética porque precisa elaborar a sua ética na busca, na tentativa, na dúvida, no acerto e no erro até chegar à construção ética. Por isso a Ética é uma instância orientadora para o ser humano e não meramente um imperativo categórico que o esmaga sob o peso do dever a ser cumprido.

Que questões a humanidade tem chamado a igreja a responder?

Crieio que a humanidade hoje coloca questões extremamente sensatas e todas elas ligadas à questão da vida. Dois terços da humanidade hoje é fomeira, empobrecida, injustiçada, que vive na grande sub-humanidade. Estes pedem comer uma vez ao dia pelo menos. Esta humanidade está pedindo respeito e piedade à vida humana. A violência mundial nos dias de hoje não são mata crianças e velhos, mas torna barata a vida, explorada em condições ridículas de trabalho, em moradias inumanas e solitários de fome. A humanidade grita, pedindo respeito em nosso grito para que sejamos acolhidos como pessoas dignas. E, fundamentalmente, o ser humano, porque é humano, pede um sentido último da sua vida, de onde vem, para onde vai, qual o sentido de sua passagem pelo mundo. E o cristianismo tem respostas a dar a isso: nós viemos do coração de Deus. Passamos por este mundo para poder viver como uma grande família humana, construindo juntos aquilo que é bom para todos, numa terra extremamente rica e fecunda e vamos ter de volta ao coração de Deus. E o cristianismo diz esta mensagem tão simples de maneira tão complicada, conegada de doutrinas e de dogmas que as pessoas consideram um peso, ao invés de ser um alívio da existência.

E onde a humanidade tem então buscado respostas, já que as do cristianismo têm se tornado inatingíveis?

O lugar comum da comunidade receber respostas de esperança são as religiões. O que está havendo hoje no mundo é a volta muito grande do mundo religioso. E todas elas procuram dar uma resposta ao ser humano, de que a vida vale a pena, de que quem está doente pode ser curado, de que vale mais esperar do que suicidar, de que Deus é pai e acompanha cada um como as mães a seus filhos. As religiões são lugares clássicos onde o ser humano busca respostas, mas não a religião institucionalizada, feita uma grande máquina social como gerar guias, dogmas, doutrinas e muitos preceitos. Outros lugares são a experiência da solidariedade e do amor. É onde o ser humano sente o lado gratuito, luminoso, brilhante da vida. Porque nem tudo é trabalho, nem tudo é sofrimento, nem tudo é luta. Também tem a graciosa esperança de aceitação, do entrega ao outro, do amor, da sexualidade como expressão da intimidade entre as pessoas. São estes os lugares onde o ser humano bebe de seu próprio poço e alimenta a esperança de uma vida melhor e de uma vida futura. E finalmente, é o encontro, a diálogo entre as pessoas no seu dia-a-dia, a reflexão conjunta sobre o que devemos fazer para sermos humanos e convivemos minimamente como humanos e não como lobos.

Como fica a ala mais progressista da igreja a partir de depoimentos como o de uma freira que denunciou, em entrevista a revista Veja, a hipocrisia na proibição do aborto e outros padres que se colocam contrários ao celibato?

É de se prever perseguição religiosa, semelhante àquela que eu mesmo sofri. Esta religiosa, Ivone Gebara, é uma grande teóloga que diz simplesmente aquilo que é verdade. Diz que há um discurso farisaico na igreja, que deixa ocorrerem milhões de abortos por ano com milhares de mulheres que morrem em consequência disto só para preservar uma lei que interessa só aos cristãos e não a todos os cidadãos. A luta dela é para descriminalizar e legalizar o aborto, para que se tirem as penas e punições. Ela não é a favor do aborto por uma agressão à criança. Ela parte do fato que existe aí para tentar diminuir as consequências malélicas deste fato. Vamos tentar dar assistência higiênica, médica àquelas mulheres que, por mil razões - não queremos discutir as razões - optam, com grande dificuldade, pelo aborto. Que elas não morram por causa disso. Mas que salvem a vida delas. A tese desta religiosa é muito séria, muito bem pensada. Certamente, ela e outras pessoas que se opõem, vão ser perseguidas, enquadradas, vão perder as cátedras e não vão poder trabalhar nas comunidades que estiverem. E certamente, quando este papa não estiver mais aí - porque muito depende dele - essas pessoas serão reabilitadas para continuarem a trabalhar desta maneira profunda e tão bem acolhida pela comunidade.

E o que Leonardo Boff diria ao povo brasileiro para começar a viver o ano de 1994?

Que nós precisamos de uma revolução. Só que revoluções armadas e violentas perderam já o passo da história. Nós precisamos fazer as revoluções moleculares, como as células humanas, umas ligadas às outras, que tocam alimento, água, que juntos formam o corpo humano. Assim, onde estivermos, começar a viver uma relação nova, de participação, de diálogo, ensinando e aprendendo, e lutando para não mais reproduzirmos este país. Devemos nos encher de indignação contra a corrupção. E, ao mesmo tempo, que tenhamos a consciência de escolhermos e controlarmos nosso representante, e que possamos avançar numa democracia participativa, democracia do dia-a-dia e não a cada quatro anos, quando exercemos nosso direito de voto. E que nunca deixemos de esperar: um país que sabe rezar como o brasileiro sabe, que sabe cantar e sabe dançar, só pode esperar um futuro promissor e feliz.

MEDICINA
Tese Polêmica

Homeopata diz que é possível reverter a homossexualidade

"A maioria das pessoas que usam drogas o faz para reprimir um desejo homoerótico". "Homossexualidade é o sinônimo de insegurança". "A homossexualidade pode ser progressivamente revertida e, assim, o homossexual se tornará heterossexual". Essas três teses que começam a causar polêmica nos meios médicos são defendidas pelo clínico geral e médico homeopata paulista Magnus Amaral Campos. Como é possível essa reversão? Conforme o homeopata explicou a Isto É na quarta-feira 27, ela se dá na medida em que o paciente vai se conscientizando do tratamento que "implica uma mudança de hábitos". "Na hora em que o homossexual sente o desejo não deve sequer se masturbar. Com o tempo, o organismo vai naturalmente se descondicionando", disse Campos. "Essa progressão elimina o sintoma (o desejo) homossexual". O médico não receita remédios a seus pacientes. "O tratamento só se baseia em conversas sobre o ambiente familiar, social e profissional da pessoa. Nessas conversas ele vai superando a insegurança, que é a fonte da homossexualidade", concluiu Campos. Ele faz uma ressalva: "Se alguém gosta de ser homossexual, não há o que ser tratado por que aí a homossexualidade não é uma doença. Eu trato de homossexuais que não estão satisfeitos com a sua condição sexual".

Revista Isto É
Edição de 3 de novembro de 1993

Vendedores de ilusões

Messias Eutáquio Chaves

Falando do lugar do analista, leio com incômodo e ceticismo as afirmações contidas na nota publicada pela revista Isto É. A experiência analítica nos permite ver este cenário de uma outra posição. A gravidade dos equívocos deste homeopata é proporcional ao desconhecimento que ele tem do campo do inconsciente, de suas leis e de sua lógica, bem como do que se refere à formação das estruturas clínicas psíquicas, onde podemos destacar três núcleos fundamentais: a formação dos sintomas, a construção das fantasias e as laços identificatórios.

O ponto central é o complexo de castração. É um ponto muito preciso na formação do sujeito e na escolha de objeto sexual: o ponto de referência, que permite um pouco de luz nesta trevas obscuras. A determinação biológica, como uma explicação para a escolha da heterossexualidade, da homossexualidade etc, como se houvesse um canal direto entre o "lamínio do hipotálamo" e o objeto de escolha sexual, não é suficiente. No que longe ao campo da sexualidade humana, é impossível pensar unicamente numa causalidade biológica, postulada por um real do corpo. A estrutura do ser falante supõe o Real, o Simbólico e o Imaginário fazendo nó. Sem o Simbólico nada nos diferenciaria dos outros animais.

A partir destes postulados iniciais, pergunto: a que este homeopata citado quer dizer com "doença" homossexual? Como ele situaria a questão da masturbação e da heterossexualidade? Qual a ética que direciona esse tratamento? A ênfase do trabalho analítico deve recair sobre o sujeito e não sobre a sua homossexualidade ou a sua heterossexualidade.

A homossexualidade não é uma estrutura. É um sintoma, que pode aparecer também no neurótico, quanto no perverso ou no psicótico. O mesmo vale para o sintoma heterossexual. O que importa são as implicações inconscientes que a construção fantasmática, os laços identificatórios e a formação dos sintomas vão determinar quanto à escolha; ou da neurose, ou da perversão ou da psicose.

No tratamento, o que conta são as questões do sujeito em relação a estas ligações inconscientes e de como as vicissitudes destas ligações determinam o seu desejo e a sua escolha de objeto sexual. Do ponto de vista ético, o que surge como um dever do analista é possibilitar a mudança da posição subjetiva em relação aos sintomas, que não devem ser pensados como do lado do bem ou do lado do mal, mas como fazendo parte do ser humano, como uma forma de dar sentido ao sem-sentido.

A experiência analítica nos põe em sintonia com Freud, quando ele diz em mais de um momento, que é tão difícil e ofensivo a um heterossexual sugerir se ele quer tornar-se um homossexual, quanto a este, da mesma forma, se quer tornar-se um heterossexual.

O homossexual assumido, isto é, aquele que cristalizou num só laço, seus sintomas, fantasias e identificações femininas, e que está satisfeito com as escolhas que o seu desejo lhe impõe, não vai querer mudar e sentirá pavor a qualquer proposta contrária. Está numa posição subjetiva que garante o seu gozo, não lhe impendendo se este gozo é feito de uma amaração que vai da construção de uma fantasia feminina identificada ao falo imaginário da mãe à formação do sintoma homossexual com única via escolhida para lidar com a castração.

A cristalização do sintoma homossexual, por identificação à figura da mãe, como portadora de um falo imaginário

obturador do buraco da falta, garante a direção do desejo e da escolha de objeto de gozo como sendo da ordem do mesmo sexo, pois o difícil nestes casos é suportar a diferença. A cristalização dificulta a possibilidade de angústia e conflito com relação ao sintoma.

É diferente quando não há cristalização do sintoma homossexual, e a força da angústia e do conflito identificatório põe em movimento o desejo de mudança. O que faz a diferença é a capacidade do sujeito de elaborar ou não o complexo de castração. O que o inconsciente faz com o sintoma obedece à lei da metáfora, substituindo um sintoma por outro, sempre na vertente da realização dos seus desejos, ator eterno da esperança de um dia alcançar a completude que a construção da fantasia lhe busca garantir. Os sintomas são defesas e quando não estão cristalizados, são possíveis de serem substituídos a partir da mudança na posição do sujeito em relação a eles. Isto nos confirma a clínica da histérica e do obsessivo.

Os problemas da histérica e do obsessivo estão concentrados na via da filiação simbólica a um pai que realmente valha à pena. A histérica vai testar, constantemente, a potência paterna, pois precisa de um pai capaz de ajudá-la a se reconhecer como uma mulher outra em relação à mãe. O obsessivo, diante da dívida simbólica ao pai vai, fantasmaticamente, buscar pagar esta dívida passando por um período homossexual, que representa querer compartilhar da potência paterna, restando dela a força necessária para dar consistência às suas identificações masculinas.

Contudo, o campo do homossexualismo ainda é muito complexo e difícil para ser compreendido (principalmente para nós que estamos numa posição heterossexual) e o que importa é querer se interrogar sempre a este respeito, buscando constantemente a organização de um saber possível sobre o ser humano desde um ponto de vista globalizante da sua estrutura e de seus mecanismos de funcionamento. É preciso fazer isto lidando realisticamente com o mal-estar próprio à existência humana, sem precisar criar fantasias mirabolantes de cura e sucesso fácil, a serem vendidos numa banca de ilusões passageiras.

BIBLIOGRAFIA

- POMMIER, G. - *O desenlace de uma análise*. Jorge Zahar Editor, 1990.

- CHAVES, M.E. - *Psicanálise: Uma caminhada de 100 anos com Freud*. Reverso nº 36, 1993. Publicação do CPMG.

- MYSSIOR, S.G. - *Curo-se um sintoma?* *Jornal do Psicólogo*, nº 41, 1993.

O autor é psicólogo e psicanalista, membro do Circulo Psicanalítico de Minas Gerais, com trabalhos publicados em congressos, jornadas e na revista Reverso. É também diretor do Laboratório de Desenvolvimento Pessoal (LDP), um sistema de consultoria e treinamento em recursos humanos, e membro do Grupo de Recursos Humanos da Federação do Comércio de Minas Gerais (FCEMG). Fones: (031) 241-1021 e 241-1403.

Filha da mãe

Um estudo com homossexuais femininas

Denise Cordeiro

Este trabalho resulta de um estudo exploratório desenvolvido com um grupo de mulheres homossexuais assumidas. Ele serviu de base para a dissertação de Mestrado de Psicologia, apresentada na UFMG em setembro de 1992, sob o título: A Construção de Identidade de Gênero na Relação Filha-Mãe em Mulheres Homossexuais.

Com Simone de Beauvoir, pensamos que "não se nasce mulher, torna-se mulher". Em vários trabalhos (Alves, 1981; Ciampa, 1987; Salem, 1981) vimos que a identidade feminina constrói-se num processo onde há pouca diferença entre a mulher e as várias figuras de sua vida, com as quais ela se confunde. A história que uma mulher relata é a história de sua mãe, de sua casa, de seu trabalho.

Na fala das mulheres, contida no material empírico apresentada por estes autores, observa-se que a influência que a mãe exerce sobre a representação da filha a respeito de si mesma, muitas vezes é explicitamente citada por estas mulheres. As vezes, é enfaticamente negada, mas sempre lembrada. Mesmo assim, está sempre presente. O que se observa é que há uma tendência das mulheres em lidar com a história que a mãe lhes trouxe. Como num círculo vicioso, do qual é difícil escapar. Nem mesmo ficando claro se se quer dele escapar...

Sabemos que a orientação sexual mostra a organização da sexualidade feminina e não da feminilidade, ou identidade de gênero feminino.

Julgamos oportuno, conhecendo a representação que mulheres homossexuais têm de sua relação com a mãe, apreender possíveis vinculações entre essa representação e a escala do parcerio afetivo/sexual. Além disso, procuramos observar como elas expressam sua conformidade ou questionamento aos estereótipos do papel de gênero feminino, correlacionando, enfim, a expressão de sua feminilidade e a representação que têm de sua relação com suas mães.

Em seu livro *Psicanálise da Maternidade*, Nancy Chodorow, 1978, propõe que a experiência decisiva no desenvolvimento masculino e feminino surge pelo fato das mulheres serem universalmente as grandes responsáveis pelos cuidados ao filho pequeno, e as mães tendem a tratar as crianças de sexo diferente de maneira diferente. Chodorow cita várias evidências sociológicas e antropológicas que comprovam sua posição, dizendo que parece mais provável que uma mãe se identifique com o filho do que com o filho. Ela vivencia as experiências de sua filha ou parte dessas - como dela própria.

Enquanto mães e mulheres tendem a sua maior identificação com as filhas e menor cuidado para a diferenciação, tomando, assim, mais difícil o processo de Separação e Individualização.

Em alguns casos, mulheres escolhem mulheres não só para o relacionamento afetivo, como para relações sexuais, ingressando assim no universo da homossexualidade feminina. Neste universo, são convidadas a ocupar um lugar: Passiva ou Ativa, a bela ou a fera, que dá o tom da Identidade de gênero Masculino/Ativo/Fera ou Feminino/Passivo/Bela.

As figuras da Bela e da Fera concedem uma certa inteligibilidade aos afetos e ovidas do mundo e da linguagem. A bela é supostamente um objeto de desejo, mas é a fera que encarna o imaginário do ideal. A fera é a "autêntica", critério para medir a verdadeira homossexual. Ela é percebida como a que deseja verdadeiramente outra mulher e recusa sinceramente o papel da feminilidade. Daí, certo vestuário, requisito mínimo para ser reconhecido pela comunidade de "entendidas" - como elas gostam de ser chamadas.

A literatura que fala sobre homossexualidade feminina afirma que o desejo consciente destas mulheres está relacionado com um desejo de eliminação radical do pai e de todo e qualquer homem. Ao mesmo tempo, um desejo de se estabelecer uma relação íntima e duradoura entre mãe e filha, transferida para parceiros sexuais femininos, que deverão servir de substituto materno.

Partindo destes pressupostos, pusimo-nos à escuta de mulheres homossexuais. Entrevistas gravadas permitiram-nos conhecer o discurso manifesto e consciente delas. Através de técnicas projetivas (Rorschach e T.A.T.), pudemos ter acesso às imagens simbólicas e representações inconscientes da relação com as mães. Cruzando estes dados com as expressões da vivência do papel de gênero destas mulheres, pudemos chegar a resultados que afirmam a relevância da influência da figura materna na construção da identidade de gênero do grupo pesquisado.

As que disseram ser homossexuais identificaram-se como feras, evidenciando dificuldades nas relações primárias quanto ao estabelecimento de vínculos afetivos com as mães. Prescindem de registros sobre o feminino e também sobre o masculino, denotando distúrbios de identidade. Sua orientação sexual prende-se à busca de um objeto de "amor-mãe" com quem possam se fundir.

Outras, no entanto, as belas, que afirmaram estar homossexuais, vivem conflitos atuais, ligados ao papel do gênero que lhes apresentaram suas



mães. Não querem repetir aquele tipo de mulher. Buscam parceiros fortes e ativos que possam funcionar como contraponto, buscando assim diferenciarem-se, numa tentativa de construir suas identidades como mulheres.

Após concluir o estudo, observamos que foi confuso no grupo de sujeitos o fato de se remeterem ao desejo da mãe para realizar o que julgavam ver no olhar materno. Chegou-se a uma estreita conexão entre o modo como se percebeu a mãe e o modo como se vivenciou o gênero. Mas ainda, o modo como se percebeu o olhar materno e o desejo que se deu ao desejo sexual, a escala do parcerio afetivo/sexual. Esse olhar que perpetua "laços eternos" entre a mulher e sua mãe.

"Com teu leite, minha mãe, bebi o gelo...
Retras tua figura de filha de mãe
De mãe de filha
Perdeu tu o aço de espelho

Es aquele que eu sei
Ou aquele que eu sei
Ou o que eu gostaria de ser
- Não era esse teu apelo em meu nascimento?"

Luca Ligatoy

A autora é psicoterapeuta, professora universitária de Rorschach e Métodos Projetivos. Para ter acesso a dissertação de Mestrado de Psicologia intitulada "A Construção da Identidade de Gênero na Relação Filha-Mãe em Mulheres Homossexuais" basta contactá-la em seu consultório (031-342-3397) ou solicitar ao CRP-04, que dispõe do estudo para consulta.

UNIVERSIDADE



III Encontro Brasileiro de Psico-oncologia e I Congresso Brasileiro de Psico-oncologia vão ser realizados no período de 27 de abril a 1º de maio de 1994, no Centro Cultural de São Paulo. Estarão presentes especialistas de diversos países do mundo e profissionais nacionais de destaque na área da saúde. Entre os diversos temas a serem abordados, "Psico-oncologia pediátrica"; "Visualização e câncer"; "Câncer: ponto de mutação"; "Atendimento psicológico do paciente terminal"; "Psicodrama em Câncer"; "Programa Simonton" e "O paciente de câncer". Programa, informações e inscrições: (011) 225-1388 ou 258-7363.

O Fazer do Psicólogo na Escola é o tema do grupo de estudo e produção coordenado pela psicóloga Eliene Nery, proposta do Inconsciente - Centro de Estudos Freudianos, em Governador Valadares. Participam pedagogas, psicólogas e estudantes. Contatos pelo fone: (033) 271-1466.

Com o tema voltado para o desenvolvimento de crianças e adolescentes na escola, na família e na sociedade, acontecerá em Campinas, de 24 a 28 de julho de 1994, o XVII Congresso Internacional de Psicologia Escolar, organizado pela Associação Internacional de Psicologia Escolar (ISPA), a Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (Abrapee) e a Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCAMP). Maiores informações: professora Raquel Guzzo, secretaria do Congresso - CEAP - Pontifícia Universidade Católica de Campinas - Rodovia Pedro I, km 136 - 13020-904, Campinas, SP. Tel: 0055-192 - 520478/52-0899 (ramal 225/212). Fax: 0055-192 - 55.1970/52.8477.

Curso: Psicodiagnóstico Infantil - Oferecido à psicólogos e estudantes de Psicologia para maior compreensão e execução do trabalho clínico junto à criança e a sua família. Coordenação: Karla Brandão Bonato - CRP04/5066. Duração: um ano com aulas semanais. Informações: (031) 222.1740 ou 221.3516.

A clínica Sol Nascente oferece curso de Educação Especial coordenado pela psicóloga Sandra Freitas de Souza CRP04/2128, com pós-graduação na área, e ministrado por uma equipe multidisciplinar com duração de 40 horas/aula. Informações: (031) 296.7680.

O Centro de Estudos Avançadas de Psicologia (Ciclo-Ceap) promove oito cursos que vão ser ministrados a partir de fevereiro de 1994, com professores de áreas distintas como Moacir Laterza, Sérgio Laia, José de Anchieta, Ivana Andrés, entre outros. Dos quatro em nível de pós-graduação, inclui-se o de Arte: Terapia, que prevê História da arte contemporânea, Arte e inconsciente, Ética, Teorias e técnicas aplicadas a arte terapia, entre outros temas. Estes curso terá início em 04.02.94 com desconto especial para matriculados até 22.12.93. Também em nível de pós-graduação o Curso de Psicologia para Marketing e Publicidade, com início em 01.03.94 e que será ministrado às terças e quintas, de 19:00 às 22:00 horas. Já em nível universitário/profissional, o curso de Técnicas terapêuticas aplicadas à infância e adolescência, que será ministrado às quartas, de 15:00 às 17:00 horas. Informações sobre estes e os demais cursos do Ciclo-Ceap: av. do Contorno, 4852/9º - CEP 30110-100 - Belo Horizonte - Tel.: (031) 221.9071 e Fax: (031) 223.2401.

A Faculdade de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis de Belo Horizonte, ao Fumec, estará com inscrições abertas, a partir do dia 10 de janeiro de 1994, para o curso de Administração de Recursos Humanos, em nível de pós-graduação lato sensu, que desenvolverá no período de 15 de abril a dezembro do próximo ano. Mais informações podem ser obtidas na sede da Faculdade (rua Cobre, nº 200, bairro Cruzeiro, Belo Horizonte), ou pelo telefone (031) 281-1388.

Poetas Pellegrinos

Hélio Pellegrino foi o homenageado do Conselho Regional de Psicologia 4ª Região no dia 1º de dezembro. Dentro do projeto Cemig Sempre Um Papo foi realizado o lançamento do livro póstumo de poemas de Pellegrino, Minérios Damados, organizado por Humberto Werneck que, ao lado do historiador Francisco Iglesias, conversou com a platéia sobre o psicanalista e o poeta. Quem participou pôde acompanhar a gravação do Sempre Um Papo realizado em dezembro de 87 ao lado de Fernando Sabino e, ainda, rever Pellegrino em fotos de diversas fases de sua vida enquanto ouvia o psicanalista recitando doze de seus poemas, os quais foram gravados no disco "Os 4 mineiros". O CRP04 convidou o psicólogo, psicanalista, escultor e pintor Pedro Pellegrino, filho de Hélio, para participar do evento. Mas infelizmente, ele estava envolvido em outros projetos, entre eles, seu livro de poemas "Geometria do Professor Alcântara", lançado no dia 14 de dezembro, no Rio de Janeiro. Pedro Pellegrino diz estar com planos para Belo Horizonte e só falta encontrar um espaço para divulgar sua obra também em Minas. O recado está dado...

PSICOLOGIA EDUCACIONAL

À venda na sede do CRP-04, em Belo Horizonte, as

Anais do 5º Encontro de Psicologia Educacional.

Informações pelo telefone (031) 261.1146

Sublocam-se horários em Consultório de Psicologia - Rua da Bahia - edifício do Teatro Cidade. - Alice - 225-5099; Cláudia - 444.6509.

Vendo obras completas de Freud - 24 volumes. Maurício, Telefone 226.5012 (recadais).

Consultório - Alugo horários para atendimentos de Psicólogos e pedagogos - local - Savassi. Tel. 344.2287 (ligar a noite ou às 12:00 hs). Obs: temos espaço para atendimentos individuais e em grupo.

Sublocação de horários - Consultório de Psicologia (no centro). Telefone - 273.1736 ou 201.7441. Falar com Consolidação.

Consultório - Alugo horários em consultórios de Psicologia - Savassi. Ana Maria - 342.1879, manhã e noite - prédio novo.

Subloca consultório de Psicologia - local: Av. Brasil, 283/701. Informações: 241.3506 - consult., 334.9664 - resid. Patrícia Félix.

Sublocação: sublocamos horários em Consultório de Psicologia. Av. Amazonas, 115, sala 1417. Tel. 201.4773 e 226.6821.

Subloca-se consultório de Psicologia pela manhã e noite e sala (capacidade para 10 pessoas) para cursos em geral de estudo no turno da noite. Última localização no Sion. Tratar pelo tel.: (031) 221.9949

Aprenda loquigrafia em 10 aulas individuais. Fone: 225.4879, com Denise.

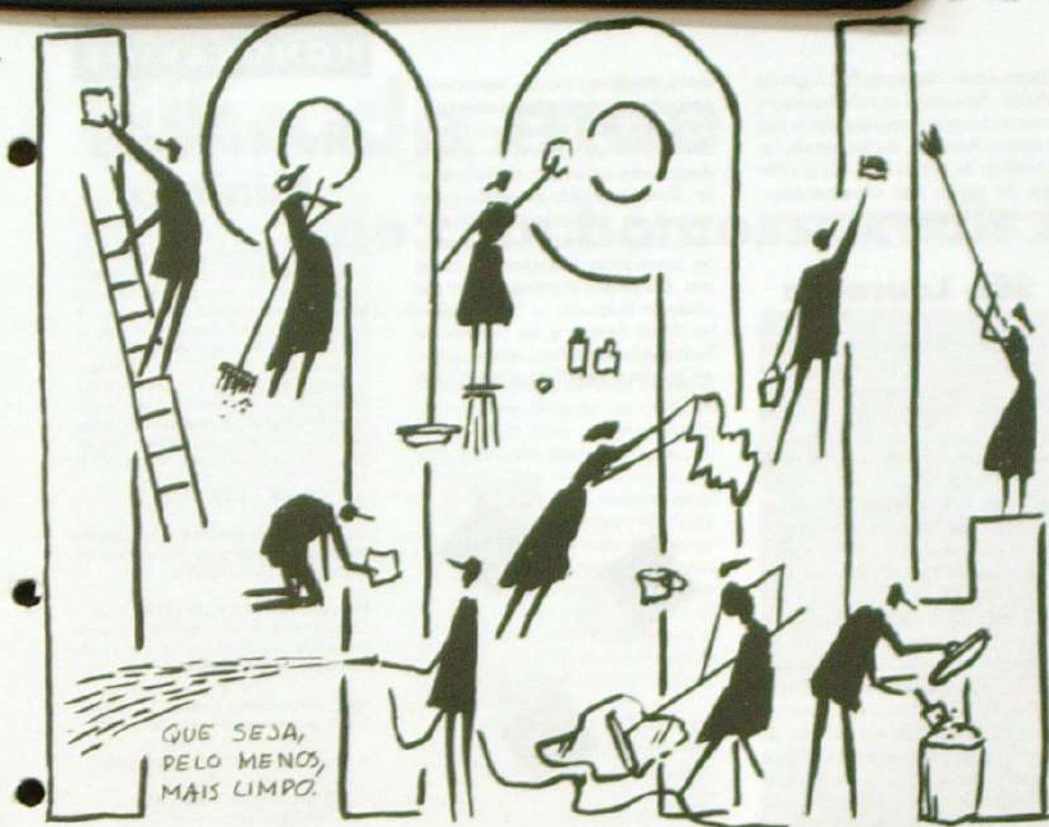
Compro mesa de PMK portátil. Marcelo Ricardo. Tel.: 351.8978

Psicóloga interessada em montar e dividir consultório. Experiência de 7 anos na área de Psicopedagogia e outros. Tel. 344.2491, June.

Subloca-se horários em consultório de Psicologia - Rua Raul Pompeia, 43, sala 101 - Savassi. Tratar com Edmar. Fone: 227.5064.

Subloca horários em consultório de Psicologia - R. Fernandes Tourinho, 235, sala 802. Savassi - tratar com Regina - Fone: 225.6295 ou 224.5863.

Sublocação: Consultórios - infantil, adulto, grupo. Sublocação de sala para cursos - tratar com Sandra ou Selma - fone: 296.7680.



Nesta edição, a coluna Revista, destinada a comentários de filmes, livros, espetáculos teatrais, cede espaço para um escrito de Clarice Lispector, uma de nossas mais brilhantes escritoras. Nascida na Ucrânia, em 10 de dezembro de 1925, com dois meses chegou ao Recife e ganhou o país. Em "Aprendendo a Viver", texto publicado no Jornal do Brasil em 28 de dezembro de 1968, Clarice convida o leitor ao risco. E, agora, o Jornal do Psicólogo arrisca: recorre às suas palavras na emergência de 1994.

Aprendendo a viver

Clarice Lispector

Thoreau era um filósofo americano que, entre coisas mais difíceis de se assimilar assim de repente, numa leitura de jornal, escreveu muitas coisas que talvez possam nos ajudar a viver de um modo mais inteligente, mais eficaz, mais bonito, menos angustiado.

Thoreau, por exemplo, desolava-se vendo seus vizinhos só pouparem e economizarem para um futuro longínquo. Que se pensasse um pouco no futuro, estava certo. Mas "melhore o momento presente", exclamava. E acrescentava: "Estamos vivos agora". E comentava com desgosto: "Eles ficam juntando tesouros que as traças e a ferrugem irão roer e os ladrões roubar".

A mensagem é clara: não sacrifique o dia de hoje pelo de amanhã. Se você se sente infeliz agora, tome alguma providência agora, pois só na sequência dos agoras é que você existe.

Cada um de nós, alias, fazendo um exame de consciência, lembra-se pelo menos de vários agoras que foram perdidos e que não voltarão mais. Há momentos na vida que o arrependimento da não ter lido ou não ter sido ou não ter resolvido ou

não ter aceito, há momentos na vida em que o arrependimento é profundo como uma dor profunda.

Ele queria que fizéssemos agora o que queremos fazer. A vida inteira Thoreau pregou e praticou a necessidade de fazer agora o que é mais importante para cada um de nós.

Por exemplo: para os jovens que queriam tornar-se escritores mas que contemporizavam - ou esperando uma inspiração ou se dizendo que não tinham tempo por causa de estudos ou trabalhos - ele mandava ir agora para o quarto e começar a escrever.

Impacientava-se também com os que gastam tanto tempo estudando a vida que nunca chegam a viver. "É só quando esquecemos todos os nossos conhecimentos que começamos a saber".

E dizia esta coisa forte que nos enche de coragem: "Por que não deixamos penetrar a torrente, abrimos os portões e pomos em movimento toda a nossa engrenagem?" Só em pensar em seguir o seu conselho, sinto uma corrente de vitalidade percorrer-me o sangue. Agora, meus amigos, está sendo neste próprio instante.

Thoreau achava que o medo era a causa da ruína dos nossos momentos presentes. E também as assustadoras opiniões que nós temos de nós mesmos. Dizia ele: "A opinião pública é uma tirana débil, se comparada à opinião que temos de nós mesmos". É verdade: mesmo as pessoas cheias de segurança aparente julgam-se tão mal que no fundo estão alarmadas. E isso, na opinião de Thoreau, é grave, pois "o que um homem pensa a respeito de si mesmo determina, ou melhor, revela seu destino".

E, por mais inesperado que isso seja, ele dizia: tenha pena de si mesmo. Isso quando se levava uma vida de desespero passivo. Ele então aconselhava um pouco menos de dureza para com eles próprios. O medo faz, segundo ele, ter-se uma covardia desnecessária. Nesse caso devia-se abandonar o julgamento de si próprio. "Creio", escreveu, "que podemos confiar em nós mesmos muito mais do que confiamos. A natureza adapta-se tão bem à nossa fraqueza quanto à nossa força". E repelia mil vezes aos que complicavam inutilmente as coisas - e quem de nós não faz isso? -, como eu ia

dizendo, ele quase gritava com quem complicava as coisas: simplifique! simplifique!

E um dia desses, abrindo um jornal e lendo um artigo de um nome de homem que infelizmente esqueci, deparei com citações de Bermanos que na verdade vêm complementar Thoreau, mesmo que aquele jamais tenha lido este.

Em determinado ponto do artigo (só recortei esse trecho) o autor fala que a marca de Bermanos estava na vestimenta com que nunca cessou de denunciar a impastura do "mundo livre". Além disso, procurava a salvação pelo risco - sem o qual a vida para ele não valia a pena - "e não pelo encolhimento senil, que não é só dos velhos, é de todos os que defendem as suas posições, inclusive ideológicas, inclusive religiosas" (o grifo é meu).

Para Bermanos, dizia o artigo, o maior pecado sobre a terra era a avareza, sob todas as formas. "A avareza e o tédio danam o mundo". "Dois ramos, enfim, do egoísmo", acrescenta o autor do artigo.

Repito por pura alegria de viver: a salvação é pelo risco, sem o qual a vida não vale a pena!

Feliz Ano Novo.

Governador Valadares

A Psicologia Hospitalar está em franco crescimento, com trabalho de grupos de estagiários em hospitais da cidade, que apostam na humanização do atendimento (Hospital Municipal, São Lucas, São Vicente de Paula e Hospital Infantil São Cristóvão). Este trabalho foi tema da mesoredonda "A Saúde da Criança e Cidadania" e exposição de painéis na Galeria do Banco do Brasil, uma realização da articuladora do CRP-04 na região, Sandra Athayde.

A estagiária de Psicologia da Unival e professora de Música, Eliana Amorim de Lacerda, desenvolveu um trabalho com crianças especiais na Escola Estadual Paulo Campos Guimarães, que foi publicado na revista *Amas Educando*, em outubro deste ano. "No ritmo da melodia" (uma inspiração de educar com música) foi uma experiência que envolveu alunos e professores, produzindo resultados surpreendentes.

Montes Claros

A Unimontes, que se encontra em processo de reconhecimento no Conselho Federal de Educação, está propondo a criação de dez novos cursos, entre eles, de Psicologia. Os Conselhos Federal e Regionais de Psicologia se mantêm numa posição de reserva quanto à abertura de novos cursos, colocando em questão a formação profissional e o mercado de trabalho. Nosso currículo mínimo data de 1962, tendo sido modificado de formas distintas nas mais diversas instituições formadoras, na tentativa de adequação às exigências de mercado de trabalho. Eis um bom tema para o Congresso Nacional Constituinte da Psicologia no Brasil que se realiza em agosto de 1994.

Muriae

Transferência - de Freud a Lacan: este foi o tema de uma tarde de estudos realizada no final de outubro pela articuladora do CRP-04 em Muriae, Margarida Maria Paulo Rodrigues

Vargas e pelo Núcleo de Psicologia de Muriae. Para dirigir os trabalhos foram convidados os psicanalistas Maria José e Márcio Brandão, da Sociedade Psicanalítica de Juiz de Fora. Os psicólogos da região não compareceram, mas estão sendo esperados na próxima.

São Lourenço

Na última semana de novembro a cidade recebeu os psicólogos da região sul do Estado que participaram do Encontro Regional Sulmineiro de Psicologia em São Lourenço. O evento, promovido pelo CRP-04 e pelo Serviço Psicológico da Divisão do Bem-Estar Social de São Lourenço, apresentou propostas que contemplaram a prática e a teoria psicológicas, bem como as demandas da sociedade pelos serviços da Psicologia.

Composto por mesaredondas e palestras, o evento contemplou o encontro dos setores profissionais organizados para esclarecimento sobre a profissão, a profissional e a Ciência. Estas discussões também serviram de subsídio para o debate entre CRP-04 e os profissionais sobre a "Redefinição da Psicologia", com vistas ao Congresso Nacional Constituinte da Psicologia no Brasil. Por isso mesmo é que a aproximação e o esclarecimento a população sobre a atuação profissional do psicólogo e os campos de inserção da Psicologia foram temas aprofundados no Encontro. O evento foi organizado pelos psicólogos da Ação Social, Vera Rodrigues e Paulo Pato, além de Roberto de Souza, psicólogo da Fórum Conferências Clínicas e de Glória Vilhena, da Universidade Estadual de Minas Gerais.

O Processo Constituinte da Psicologia no Brasil, agendado para agosto de 1994, está em discussão em todo o país. Saiba mais o sobre este acontecimento no encarte que acompanha esta edição.

Uberaba

A Secretaria Municipal do Trabalho e Ação Social elaborou projeto dos Centros de Convivência da Criança. A proposta é oferecer atendimento psicossocial pedagógico às crianças que frequentam escolas em um turno e que estejam ociosas o resto do dia e também daquelas que se encontram em situação de risco social. O investimento pedagógico do projeto se faz nas

áreas de reforço escolar, treinamento pedagógico em atividades como culinária, horticultura, pequenas consertos domésticos etc, além de prática desportiva e supervisão do tarefa escolar. Também incluída assistência psicológicas às crianças e famílias. A metodologia adotada pelos Centros de convivência é fundamentada na arte. E o projeto já começou com três unidades instaladas no bairro Leblon, na Chica Ferreira e no Terminal do Trabalhador Rural. Duas outras já estão em fase final: Bela Vista e Jardim Triângulo.



Iniciado o projeto Psico-Vídeo com a exibição e debate do filme indicado pelo psicólogo Tadeu Gomes. Equus, com atores Richard Burton e Peter Firth. O número de presenças foi abaixo da expectativa. No entanto, os participantes sugeriram persistência. Na realização deste projeto foi louvável o desempenho das estudantes colaboradoras (3º ano-UNIUBE), Rosana e Samara e o apoio da Livraria Alternativa. Para saber mais sobre o projeto, basta fazer contato. Telefone e endereço na coluna Setoriais, no final desta página.

A primeira listagem da biblioteca "Psi-Colabore" está em fase final de elaboração. O Escritório Setorial do Triângulo Mineiro (ESTM) agradece a Associação de Docentes da Universidade do Rio de Janeiro pelo envio de três números da Revista *Advir*, da qual já faz parte do cadastro de distribuição. A revista é de excelente qualidade e está à disposição dos interessados no ESTM.

Referência Mínima

As Clínicas, Empresas e profissionais Prestadores de Serviços de Psicologia Organizacional. Assunto: Referência Mínima de Honorários para a área de Recursos Humanos. Tabela com valores atualizados para o período de 01 a 31 de dezembro de 1993. O Conselho Regional de Psicologia 4ª Região MG/ES leva ao conhecimento de seus inscritos e demais pessoas interessadas o valor da UP - Unidade de Serviços de Psicologia - para o mês de dezembro de 1993:

UP = CR\$ 88,28

Os serviços abaixo descritos passam, portanto, a ter os seguintes valores mínimos para sua prestação:

Recrutamento: (por vaga preenchida)
OBS: a partir de 01/06/93 cobrança percentual em relação ao salário do cargo (Custo Empresa).

Até 1 salário mínimo e meio: 100%
Acima de 1 salário mín. e meio: 75%

• Avaliação Psicológica: (por laudo)
Nível Operacional:
55 UPs = CR\$ 4.855,40
Nível Técnico:
80 UPs = CR\$ 7.062,40
Nível Superior:
100 UPs = CR\$ 8.828,00

• Treinamento: (por hora de atividade)
100 UPs = CR\$ 11.476,40

• Consultoria: (por hora de atividade)
200 UPs = CR\$ 17.656,00

Para quaisquer esclarecimentos que por ventura se façam necessários, ligue (031) 261-1146.

CRP-04 Setembro 1993

• Variações Ativas

Receitas correntes	23.081.013,62
Receitas de capital	0,00
Mutações patrimoniais	249.518,45
Total	23.330.532,08

• Variações Passivas

Despesas correntes	11.967.002,71
Despesas de capital	249.518,45
Mutações patrimoniais	0,00
Superavit ao exercício	11.114.010,92
Total	23.330.532,08

Representantes e articuladores do CRP-04 em Minas Gerais e no Espírito Santo.

• Escritórios Setoriais:

Espirito Santo (EES) - Representante: Maria Tereza da Silva Cardoso - Praça Getúlio Vargas, 35 al 820 Centro, Vitória, ES CEP 29010-350. Tel.: (027) 222-7394.
Triângulo Mineiro (ESTM) - Representante: Sérgio Paonessa Maiorano - Rua João Pinheiro, 546/10 - Piso B, Centro, Uberaba - CEP 38010-040 - Tel.: (034) 333-6522.
Zona da Mata (EZM) - Representante: América Gólvio Nelo, Avenida Barão do Rio Branco, 2.679/810 - Ed. Stela Central, Juiz de Fora. CEP 36010-012 - Tel.: (032) 215-6779.

• Articuladores:

Araguari: Lúcia Santos Coelho - R. Uberaba, 266, Centro, 38440-000. Tel.: (034) 241-3179
Araçá: Aparecida Maria de Souza Borges Crivinel - Rua Doutor Edmar Cunha, 219 A, Centro. CEP 38180-000. Tel.: (034) 601-4108
Cachoeira do Itapemirim: Carmen Lúcia Rocha de Jesus Grillo - Av. Pinheiro Júnior, 23, Centro. CEP 29307-300 Espírito Santo. Tel.: (027) 521-0944 Ramal 1494
Divinópolis: Arlete Marchiori Macedo Diniz - Rua Minas Gerais, 655/214.

CEP 35500-007. Tel.: (037) 221-9398 e 221-1979.
Governador Valadares: Sandra Athayde Silva - Avenida Minas Gerais, 700/112, Centro. CEP 35010-151. Tel.: (033) 271-6471.
Ituubata: Sônia Divina Costa Rosado - Rua João Martin de Andrade, 363-A, Platina. CEP 38300-000. Tel.: (034) 261-3281.
Montes Claros: Ana Cristina Couto Amorim - Avenida Santos Guimarães, 123, Sagrada Família. CEP 39401-014. Tel.: (038) 221-1586 e 221-2115.
Muriae: Margarida Maria Paulo Rodrigues - Rua Barão de Monte Alto, 125/113. CEP 36880-000. Tel.: (032) 721-0510.
Patos de Minas: Márcia Campos de Andrade - Rua José Alves Coelho, 125, Aurélio Caixa. CEP 38700-000. Tel.: (034) 821-2040.
São João del-Rei: Maria Tereza Antunes Albergaria - Praça Guilherme Milwat, 52. CEP 36300-000. Tel.: (032) 371-4167.
Ubá: Maria de Fátima Paula de Souza - Av. Comendador Jacinto Soares de Souza Lima, 1052/201. Tel.: (032) 371-4167. CEP 36500-000.
Uberlândia: Angela Melo - Rua Serenias, 366, Cidade Jardim. CEP 38403-077. Tel.: (034) 238-1512 e 236-2744.

O autor é professor do Departamento de Psicologia da UFMG, doutor em Psicologia Clínica pela Universidade de Paris VII.

Esmola e solidariedade

José Newton Garcia de Araújo

Se o Brasil tem sido um palco de violência urbana e rural, de corrupção e de impunidade, ele pode ser visto também, no momento atual, como palco de um grandioso espetáculo de generosidade social: a "campanha contra a fome e a miséria", alardeada por todos os cantos do país. Na verdade, essa campanha se tornou objeto de unanimidade nacional (ou quase), sensibilizando milhões de brasileiros, até então alheios às nossas mazelas sociais. E se a vemos como uma ajuda humanitária emergencial, a mesma ajuda que se presta às vítimas de catástrofes naturais, de guerras etc., temos nela um apelo ético irrecusável.

Julgo, no entanto, pertinente comentar alguns pontos talvez pouco visíveis dessa imensa onda caritativa nacional. Mas ao fazê-lo, quero primeiro descartar um argumento simplificador, segundo o qual essa é uma campanha "soft", alheia ao conflito de classes. Traçando em miúdos: "Ou se faz a revolução ou não se faz nada".

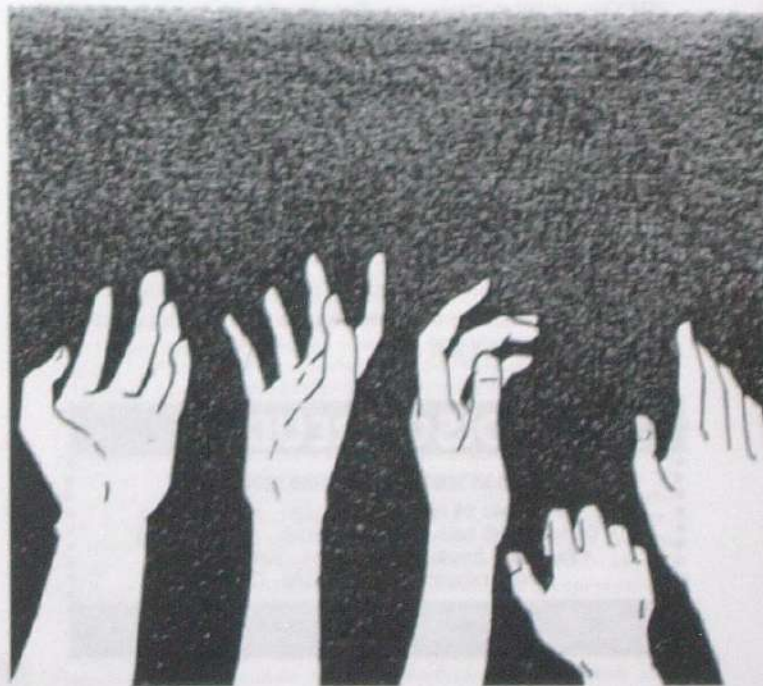
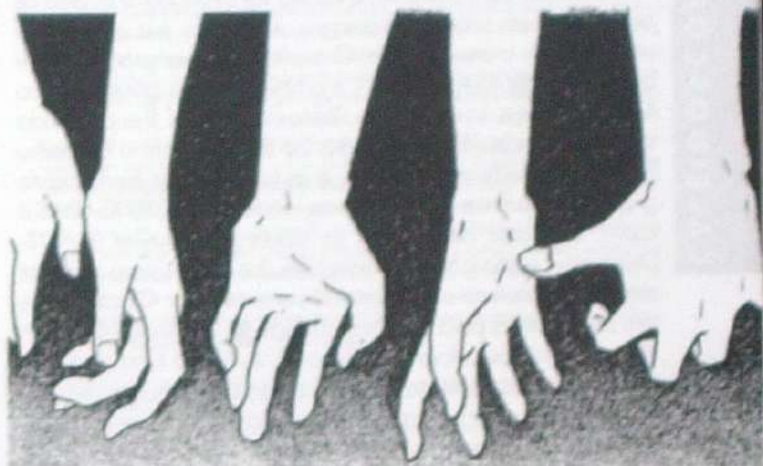
Minha discussão passa por outro caminho, supondo uma relação estreita entre os alhares clínico e social. Daí uma primeira pergunta: seria essa campanha o símbolo de um altruísmo coletivo? Algumas disciplinas, entre as quais a psicanálise e a antropologia, respondem que, se existe o dom altruísta (mas damos aos pobres e aos ricos), este não se confunde com a pura gratuidade. Ou seja, todo dom supõe um retorno. E mais: há sempre um ganho ou um interesse, mesmo que nobre, da parte do "doador". O clássico *Ensaio sobre a dívida de Marcel Mauss* decifra magistralmente o dom como uma forma de troca. Aliás, sabem disso muito bem, embora o tentem dissimular, os grandes promotores da ajuda social: igrejas, governos, instituições não-governamentais, empresas etc. Em seu livro *Le Piège Humanitaire* (Piège = armadilha), J.-C. Rufin, especialista das relações entre o Primeiro e o Terceiro Mundo, nos mostra muito bem como a atividade caritativa e o jogo político estão essencialmente associados. (Uma ressalva: o jogo político e a busca do poder não são um mal em si, eles são inerentes ao funcionamento social, sobretudo nas democracias, e comportam interesses nobres, eticamente desejáveis, ao lado de interesses mesquinhos).

Outra questão: fala-se muito que

essa é uma campanha de solidariedade. Será mesmo? Pensemos em um exemplo: a famosa "solidarité nationale" francesa não é emergencial nem obra da iniciativa privada. Embora em dificuldades, ela é tarefa oficial do Estado - o État Providence - fundada em um modelo distributivo-permanente, voltado para o social (saúde e escola praticamente gratuitas, salário mínimo da inserção social, etc.). No Brasil, com a crise do modelo de nosso Welfare State, a sociedade civil se organiza, como agora, para remediar o mal. Em suma: em vez da solidariedade assegurada pelo Estado, temos a esmola coletiva, ou seja, apenas damos (de modo provisório e desordenado) alimentos ou outros bens àqueles "desiguais a nós" que apenas recebem.

Uma outra versão da solidariedade está no texto de Freud sobre os grupos. Para ele, só existe solidariedade quando existe "uma importante qualidade emocional comum", isto é, um laço libidinal que leva a uma identificação entre iguais, assim como a uma identificação desses iguais a um líder, tomado como o ideal do eu grupal. Enfim: não existe solidariedade entre desiguais. Se assim é, perguntemos sem rodeios: quais os traços identificatórios comuns entre nós das classes médias - intelectuais, estudantes, profissionais liberais - e os 32 milhões de excluídos do país (meninos e adultos de rua, índios, marginais)? Mesmo se dissermos que um traço comum seja, por exemplo, a sede de justiça, será que a sede de justiça deles é a mesma que a nossa? Pergunto ainda: não estamos confundindo solidariedade com aquela caridade que cala nossos sentimentos de culpabilidade ou (pior ainda) de piedade, em relação a esses "desfavorecidos"? Além disso, damos feijão ou arroz à distância, sem mesmo saber a quem damos. E mais: enquanto doadores, somos inevitavelmente superiores a esses "pobres". Quem recebe é sempre um humilhado, um escravo. O dom, diz Mauss, é uma forma de dominação.

Outra coisa: se essa é uma campanha emergencial, o quadro da miséria que a fez nascer é crônico. Assim sendo, ela só teria sentido enquanto projeto "educativo", isto é, enquanto visasse a mudança dos atores nela implicados. Ou seja: transformar os "miseráveis" desse país em cidadãos e nos transformar de



superiores em iguais a eles. Ora, até hoje temos ficado no ciclo repetitivo do dar/receber. Na ótica da psicanálise, o jogo da repetição é obra da pulsão de morte. E se ainda dissermos, como Enriquez (cf. *Da Horda ao Estado*) que o social é um campo privilegiadamente aberto à pulsão de morte, concluiremos que "repetir" a esmola é sustentar a estrutura mor-

alibera das desigualdades sociais.

Sair da repetição é pensar a contrapartida, o projeto ou o desejo de quem recebe. Mas aí está: quem vai pensar essa contrapartida? Nós, os doadores? Aliás, será que queremos essa contrapartida? Pois aceitá-la é passar da esmola à solidariedade, é refundar o vínculo social no país - o que não é fácil nem evidente.

Estudo de morbidade psiquiátrica em áreas URBANAS comandado por especialistas da Bahia, Rio, Porto Alegre e Escola Paulista de Medicina, afirma que 25% da população adulta do país sofre de algum tipo de distúrbio mental. Deste total, 10% é vítima de ANSIEDADE, incidência seguida por abuso e dependência de álcool. Estes distúrbios estariam relacionados à instabilidade ECONÔMICA do país ■ A crise tem feito mais estragos. Pesquisa Isto É/Brasmarket em 17 capitais do país revela que é ela a causadora da falta de DESEJO sexual, impotência e frigidez. É o que revelam 67,4% dos entrevistados ■ O CRP-04 também faz pesquisa junto à POPULAÇÃO, mas com um tema bem diferente: o estudo vai averiguar o quanto as pessoas sabem sobre a Psicologia, a procura, e a opinião do usuário sobre o atendimento. O resultado vai ser publicado em breve no JP ■ ASA DE PAPEL é o novo livro do artista plástico Marcelo Xavier, com fotos de Gustavo Campos. É o prazer da leitura com massinhas ■ No dia 24 de novembro o Conselho Federal de Medicina decidiu que as empresas de medicina de grupo, seguradoras e cooperativas médicas são OBRIGADAS a cobrir os custos de TODAS as doenças, inclusive a AIDS. Decretado, então o fim das limitações dos planos para doenças crônicas, psíquicas e sexualmente transmissíveis. Os convênios têm DOIS meses para acatar a decisão ■ Continua ABSURDA a situação da psicóloga brasileira Tânia Maria Cordeiro Vaz, apesar da justiça chilena ter denunciado oito policiais civis por detenção ilegal e constrangimento psicológico a que teria sido submetida junto com sua filha de 13 anos. A denúncia de tortura e estupro não foi acolhida pela justiça chilena ■ Já está em fase de edição pela Coopmed o livro FILHA DA MAE, assinado pela psicoterapeuta e professora Deuslira Candiani. É baseado na dissertação de mestrado apresentado em setembro de 1992 na UFMG. Veja resumo na página 5 desta edição ■ O COTIDIANO e o desejo de reconhecimento é o título da tese de doutorado defendida pelo psicólogo José Newton Garcia de Araújo na Universidade Paris VII em novembro de 1989. O CRP-04 empresta o estudo para cópia ou CONSULTA. O autor está na página 9 desta edição falando sobre solidariedade ■ SEM-TERRAS ocupam fazenda do deputado federal João Alves, um dos principais acusados de corrupção no Congresso Nacional. A argumentação dos posseiros é uma só: "Ele roubou a gente; agora a gente ROUBA ele".

Levo ao seu conhecimento que a Câmara Municipal de Belo Horizonte aprovou, em sua reunião do dia 17 de setembro p.p., a Moção nº 3095/93, de autoria da vereadora Neusa Santos, solicitando que sejam encaminhadas congratulações a Vossas Senhoras pelo Dia do Psicólogo.

Amílcar Martins (Presidente da Câmara Municipal de Belo Horizonte)

Os psicólogos atuantes em Roraima sempre se ressentiram do isolamento geográfico a que estamos submetidos. Profissionais oriundos de todo o Brasil aqui desempenham suas funções sem maiores oportunidades de especialização, aperfeiçoamento ou reciclagem e, em consequência, em constante esforço para não perder o vínculo com o seu lugar de origem. Neste sentido, a Co-Representação do CRP-01 em Roraima vem solicitar o envio regular do jornal e outras publicações deste Conselho, bem como de comunicações de eventos da Psicologia na sua jurisdição, como forma de manter informados os colegas sobre os acontecimentos na área.

Francisco de Assis Lima Carvalho (Boa Vista - RR)

Gostaria de receber cópia, conforme disponibilidade, do trabalho "Aids e Vida - Estudo Clínico Psicanalítico com Pacientes HIV", de autoria do psicólogo Cláudio Vital de Lima Fereira.

Lúcia de Oliveira Marcos (Juiz de Fora - MG)

Temos recebido, com relativa frequência, solicitação de psicólogos e demais profissionais de acesso às teses de doutorado e às dissertações de mestrado, cujas sínteses foram publicadas no Jornal do Psicólogo. Gostaríamos de explicar que o CRP-04 não tem condições de oferecer cópias a todos os interessados. Por isso mesmo é que empresta o estudo para consulta ou reprodução. No caso dos psicólogos do interior de Minas e do Espírito Santo, informamos que os Escritórios Setoriais também dispõem de cópia do material juntamente para atender a esta demanda.

Estamos enviando para este Conselho, em apenso, dois exemplares do Jornal Psi-Ciência que editamos aqui no Rio de Janeiro. Trata-se do primeiro periódico informativo de estudos e pesquisas na área de saúde mental e ciências afins.

Somos formados em Psicologia e a idéia partiu da inexistência de algo similar. Aos poucos estamos recebendo sugestões, envios de trabalhos etc. Entretanto, nossa maior dificuldade é a falta de apoio dos veículos de comunicação de massa, ou seja, a divulgação.

[...] Nosso intento é fazer deste periódico um veículo de publicação para trabalhos, pesquisas, notícias relativas à saúde mental, ou seja, um jornal técnico, atemporal. Acontece com frequência de professores, pesquisadores e institutos enviarem trabalhos, teses, para revistas especializadas no exterior porque aqui a imprensa dá pouca atenção ou omite os pontos mais importantes.

O compromisso deste feito é apenas com a informação, atualizar o formado, o formado. [...]

Informamos também que dispomos de uma coletânea atualizada de artigos publicados nos jornais sobre os mais diversos assuntos dentro da área de saúde mental.

Marco Aurélio Cardoso

Psi Ciência - Caixa Postal 11803 CEP 22022-970 Rio de Janeiro RJ

Sugerimos aos interessados que, antes de efetivarem assinatura do periódico, solicitem alguns exemplares para avaliação de sua proposta editorial.

Cartas para a redação: Conselho Regional de Psicologia 4ª Região (MG/ES) - CRP04 - Assessoria de Comunicação Social - Rua Tomé de Souza, 860/10º andar, Savassi - Belo Horizonte-MG - CEP 30140-131. Este também é o endereço para envio de informações, inclusive para a página Interurbano, artigos e apresentação de teses para divulgação no Jornal do Psicólogo. Os textos devem ser encaminhados com o número de telefone para contato e endereço. Os assinados devem ter, em média, 80 linhas datilografadas, breve currículo profissional e, no caso das teses, indicação das locais onde possam ser pesquisadas pelos interessados.

DISQ FREUD

RJ (021) 533.3083 BH (031) 330.5500 Bip JML

- Português 24 vols. Editora Imago - 60% desconto
- Castelana 25 vols. Editora Amarrortu - 30% desconto
- Espanhol 3 vols. Editora Nueva - 30% desconto

Obras completas - Nova Edição - Garantia

Atendemos a todos os estados • Entregamos a domicílio
Horário: 9:00 às 18:00 horas • CGC: 31 558 786/0001-80

Jornal do Psicólogo

Publicação do Conselho Regional de Psicologia 4ª Região (MG/ES) - CRP04
Rua Tomé de Souza, 860/10º andar - Savassi - CEP 30140-131 - Belo Horizonte-MG.
Tel.: (031) 261-1146 - Telex: (031) 392882 - Fax: (031) 261-6143

Diretoria: Mariana de Campos Mendonça, presidente; Edith Lins Eto, vice-presidente;
Cristina Ribeiro de Figueiredo Teixeira, secretária; Zulma Canuto, tesoureira.

7ª Plenária: Conselheiros Efetivos: Carus Trindade Guimarães; Cristina Ribeiro de Figueiredo Teixeira; Maria Carmen Lopes Albricker Barbosa; Mariana de Campos Mendonça; Raymonde Jouvaneu Saraiva; Simone Maria Machado da Silveira; Sônia Maria de Brito Marques Porto; Susana Caçodo Teatini; Zulma Canuto. Conselheiros Suplentes: Cristina Ribeiro de Figueiredo Teixeira; Edith Lins Eto; Elvira Lidia Pessoa de Oliveira; Manoel Neto Machado; Márcia de Oliveira Prata; Regina de Monf Alverne

Neto; Ronaldo Pazini Marangoni Júnior; Vicente Almeida. Conselheiros Federais: Ricardo Figueiredo Moretzsohn (efetivo); Vera Lúcia Dias (1ª suplente); Gerson Alves Vieira (2ª suplente) - Sebastião Rogério Góes Moreira (licenciada)

Coordenadoria Técnica: Heloisa Amaral;
Assessoria Jurídica: Rodrigo da Cunha Pereira
Editada pela Assessoria de Comunicação Social do CRP-04
Jornalista Responsável: Andréa Rocha (MTB 4203/MG)
Programação visual: Marcelo Xavier
Ilustrações: Geraldo Benício, Marcelo Xavier
Fotografia: Marcelo Kraiser
Edição gráfica: Cláudia Barcellos
Impressão: Editora Lítero Mocial
Tiragem: 11 mil exemplares

As matérias assinadas são de exclusiva responsabilidade de seus autores. O jornal do Psicólogo os publica por acreditar na diversidade das idéias.

Educação para a cidadania

Qual a contribuição da escola?

Câmara de Psicologia Educacional
do CRP04

Neste fim de século, defrontamos-nos com uma crise moral e ética que nos tem deixado sem reação e incredulos diante de tanta corrupção, desrespeito ao outro, desonestidade, injustiças, violências física e moral. Prevalece a vigência da lei "olho por olho", "dente por dente", a lei de Gerson e a do menor esforço.

A nossa sociedade está sendo regida por uma moralidade heterônoma. A angústia, a desesperança e o descrédito no ser humano alastram-se. Perguntamo-nos perplexos: que ser humano é este que não se reconhece mais no outro? Que não se percebe violento, corrupto? Este estranhamento, este não reconhecer-se no outro gera uma violência ainda maior. E o que é mais trágico: não é reconhecida como tal.

A emergência desta situação crítica coloca em questão a necessidade de refletirmos sobre este HOMEM. Se este homem é um ser social, porque lhe é tão difícil com-conviver socialmente?

O desafio de responder a tais questões remete-nos a questionar uma das instâncias formadoras dos sujeitos sociais e responsáveis, em grande medida, pela condição de cidadania destes

sujeitos e grupos no interior da sociedade: a escola.

A pergunta que nos fizemos e fazemos é: em que medida a escola como instituição formadora e socializadora e seus agentes têm atentado e respondido às exigências da formação de um ser mais humano, cidadão, enfim?

O conhecimento intelectual é um dos pressupostos na formação do cidadão, mas a formação da cidadania vai muito além do domínio do saber intelectual: práticas pedagógicas desprovidas de sentido e de valor levam a um saber fragmentado e alienante.

A escola está preocupada em que o sujeito adquira outros saberes que permeados pelo intelectual lhe façam cidadão?

Descantamos que não.

Posto que a realidade mostra-nos é que a escola tem cumprindo as suas funções de MANTENEDORA, ao reproduzir em cada indivíduo o conjunto de normas que regem a ação passível; a SOCIALIZADORA que leva o sujeito a identificar com o grupo que com ele se submete ao mesmo conjunto de normas; a REPRESSORA, quando garante a perpetuação do sistema que rega uma sociedade, com o objetivo de conservar e reproduzir as limitações que o poder destina a cada classe e grupo social, segundo o papel que lhe

atribui na realização de seu projeto sócio-econômico.

Quanto à sua função TRANSFORMADORA, entendida como uma instância de possibilidade libertadora, buscando uma integração social do sujeito dentro de uma perspectiva de transformar a sociedade, encontra-se omissa e alienada, formando intelectuais, quando forma, e não cidadãos.

Cabemos aqui, explicitar o que entendemos por cidadão.

Cidadão é aquele capaz de viver no espaço público sem fazer dele lugar de violência. Isto implica em reciprocidade, solidariedade, respeito ao próximo, generosidade, priorização dos interesses coletivos e desenvolvimento da capacidade crítica.

A educação transformadora, a que forma cidadãos, leva o aluno a não ter medo do poder do Estado, a exigir dele as condições de trocas livres de propriedade, a não ambicionar o poder para subordinar seus semelhantes e a com-conviver numa sociedade pluralista.

A tarefa de formar cidadãos é árdua, sim, mas não impossível! Para isto é necessário que a escola comece a romper com sua leitura superficial da sociedade e que se abra para a contribuição dos diversos saberes.

Que se abra para o mundo, saindo da sua concepção onipotente de de-

tentora do saber. Que se reconheça inserida numa estrutura social complexa, capaz de analisá-la, avaliá-la e criticá-la.

Tarefa nem utópica e nem distante. No cotidiano da escola fatos tão evidentes, que exatamente pela sua extrema evidência, deixam de ser percebidos: "alunos trocando figurinhas e passando a perna no outro", tirando-lhe figurinhas a mais. O que consegue tropeçar, sentese espertal; adolescente quebrando carteiras, despejando o lixo da lixeira na sala, no intervalo de aula; alunos que gozam o colega porque ele é moreno, chamando-o de "filho de escravo".

Estes pequenos fatos, se levados em consideração, são pontos de partida para o exercício da cidadania. Não se aprende honestidade, solidariedade, respeito ao próximo nas inúmeras vivências do cotidiano da escola e da vida.

É mais do que urgente que a escola, como uma das instituições formadoras de indivíduos, ocupe lugar que lhe cabe e lhe é inalienável: formar o SER intelectual, cultural, político e acima de tudo HUMANO, CIDADÃO. E acima de tudo, o Ser que se reconhece no outro!

"Aquele que se esqueceu suas utopias, sufocou

suas paixões e perdeu a capacidade de se

indignar diante de toda e qualquer injustiça

social, não é um cidadão, mas também não é

um marginal. É apenas um NADA que a tudo nadifica".

Cidadania, uma questão para educação - Nilda Teles Ferreira - Editora Nova Fronteira.

BIBLIOGRAFIA

- Freire, Paulo - "Política e Educação" - Cortez Editora - São Paulo 1993
- Ferreira, Nilda Teles - "Cidadania, uma Questão para Educação" - Editora Nova Fronteira 1993
- Ariès, Philippe - "História Social da Criança e da Família" - Zahar Editores 1981
- Paim, Sara - "Diagnóstico e Tratamento dos Problemas de Aprendizagem" - Artes
- Zagury, Tanja - "Educar sem Culpa: A Gênese da Ética" - Editora Record - Rio de Janeiro 1993



Ciência e existência (II)

Na última edição do "Jornal de Psicologia", publicamos um texto em que pretendi abordar a questão da ciência de um ponto de vista antropológico. O texto concluiu denunciando a ilusão do humanismo moderno que, no gesto promético de emancipação do indivíduo, acabava caindo vítima de um pacto diabólico. O recurso à figura mítica de Prometeu inspirou-se na leitura de um livro que foi publicado na Alemanha, em 1979, e que obteve grande sucesso de público e extraordinário impacto intelectual. Um êxito surpreendente, tratando-se de uma obra de ética filosófica, e que desencadeou intenso debate, envolvendo alguns dos mais eminentes pensadores alemães contemporâneos. A intenção de seu autor, Hans Jonas, aparece inequívoca, tanto no título - "O princípio de responsabilidade: uma ética para a civilização tecnológica" - quanto nas palavras inaugurais de seu prefácio. Neles, lemos o seguinte: "O Prometeu definitivamente desagrilhoado, ao qual a ciência confere forças até então jamais conhecidas e a economia seu impulso desenfreado, reclama uma ética que, através de entraves livremente consentidos, impeça a poder do homem de tomar-se uma maldição para ele mesmo".

Dessa forma, Hans Jonas, filósofo formado na tradição fenomenológica, retoma o tema husserliano da crise da ciência europeia, uma crise que não se configura como um impasse metodológico ou como uma paralisia interna à produção científica - pois isso poderia parecer uma veleidade filosófica diante do espantoso progresso recente da tecnociência -, mas que refere-se à dolorosa consciência de sua incapacidade em responder as dramáticas interrogações que o homem põe para si mesmo. Ou, como Wittgenstein expressou numa proposição exemplar: "Nós sentimos que inclusive se todas as possíveis questões científicas fossem respondidas, os problemas de nossa vida sequer teriam sido tocados".

Porém, a situação é ainda mais grave, porque a "consciência dolorosa", a que aludimos acima, tende a ser neutralizada na medida em que a ciência não é apenas uma forma de conhecimento, mas tornou-se uma força cultural capaz de plasmar a vida quotidiana dos indivíduos e de formá-los em sua mentalidade. Pois, se, por um lado a ciência em si mesma, em seu conteúdo teórico e em sua sofisticada estrutura conceitual, é inacessível à maioria das pessoas, por outro, o movimento de cientificação é axiogenico, produz valores e representações da realidade que penetram na vida quotidiana e atingem a todos. Assim, êxito social da ciência determina o alcance de sua própria crítica filosófica, aprisionando-a na trama de seus efeitos ideológicos e, em consequência, o questionamento da ciência surge na figura de um trilema que pode ser formulado do seguinte modo:

1º - Não há uma crise da ciência, senão como diagnóstico imaginário de uma consciência conservadora e nostálgica de um passado pré-moderno.

2º - Há uma crise da ciência, portanto é preciso propor uma solução alternativa ao projeto global da racionalidade ocidental.

3º - Nesses termos - crise ou não crise - o problema é indecível. A lógica da ciência caracteriza-se por uma argumentação aberta e por um procedimento crítico infinito.

Não seria viável, certamente, expor e discutir aqui cada uma das possibilidades postas pelo trilema em seus matizes e suas variantes complexas, porém não é difícil perceber o seu significado antropológico. A ciência moderna converteu-se em conhecimento metódico da natureza ao submetê-la à análise experimental e à reconstrução matemática, operando, desse modo, a sua redução ontológica e sua transformação num objeto formal abstrato. Essa operação, legítima em seu esforço de assegurar a autonomia epistemológica da ciência, implicou, entretanto, na ruptura do experimento científico com a experiência humana concreta e no afastamento da idéia tradicional de um saber intrinsecamente dotado de sentido existencial.

Já no final do século XVII - o século de Kepler e Galileu, de Harvey e Newton - começou a evidenciar-se o caráter revolucionário da nova ciência da natureza, mas também logo se impôs à consciência dos contemporâneos o problema da justificação de um conhecimento intencionalmente indiferente ao empenho de cada homem acerca do sentido e do fim de sua vida. A célebre "querrela dos antigos e dos modernos" não deixou de ser um sintoma da perplexidade de uma época que, vendo desmoronar a autoridade do passado, foi possuída pela inquietação de sua incapacidade em confrontar a angústia de viver.

A resposta da ilustração, posteriormente retomada pelo Positivismo, desdobrou-se em suas dimensões: equacionou o problema da felicidade em termos de bem-estar empírico do indivíduo e projetou a sua realização em um futuro previsível. Assim, através da idéia de progresso, lançou-se um argumento histórico-epistemológico, segundo o qual a angústia seria apenas a expressão epifenomênica de uma existência alienada e, portanto, possível de ser dissipada através de uma transformação na base material de nossa civilização. No entanto, o mundo que emergiu da revolução tecnocientífica e industrial viu-se atazanado por novos e inesperados problemas econômicos, sociais e políticos mas, sobretudo, e esse foi o verdadeiro escândalo da razão moderna, surpreendido pela persistência do problema espiritual. Ou, seria, melhor dizer, não apenas por sua persistência, mas pela forma parasítica de que revestiu, a partir da nova demanda de sentido por parte de uma subjetividade emancipada dos antigos nexos simbólicos da cultura.

A ciência moderna transmutou a idéia de um cosmos inteligível em si mesmo na imagem de uma natureza interpretada matematicamente e, com isso, deslocou radicalmente a possibilidade de fundamentação do saber da esfera do ser - e do homem enquanto presença originária ao ser - para a esfera do sujeito - ao homem enquanto potência construtiva e ordenadora da realidade. Ou seja, a ciência só pôde ser pensada a partir da posição do sujeito, como constatamos na afirmação reflexiva do cogito cartesiano, e no entanto só tornou-se efetiva na forma de uma objetividade pura a partir da exclusão total e sistemática do sujeito. Ora, isso significa que a ciência, ao eliminar o princípio subjetivo que a constitui como forma específica de cultura, fetichizou-se como uma instância que se põe pretensamente como um além de toda cultura. Podemos vislumbrar aí - como nos adverte Michel Henry, o rosto da nova barbárie, não a que nos ameaça de fora, mas a que irrompe das entranhas de uma inteligência que perdeu-se de seu impulso vital.

No entanto, aquilo que foi recalçado no saber retorna no mundo da vida (Lebenswelt), que resiste espontaneamente à homogeneização de uma sociedade cientificamente administrada. A subjetividade faz o seu retorno "selvagem" nas crenças irracionais, nas terapias alternativas, nos esoterismos e encantamentos que proliferam no corpo sem alma da racionalidade hegemônica. Diante de tais sintomas, seria suficiente reiterar o elogio da diferença? Bastaria reivindicar a fecundidade do caos? Não estaríamos desconsiderando que o sintoma é sempre uma "solução de compromisso"? E o que fazer desse saber - a Psicologia e/ou Psicanálise - que se propõem como "Ciência(s) da subjetividade"?

A Psicologia e/ou Psicanálise dilaceraram-se numa época em que a identificação ciência e razão implica na exclusão do sujeito do campo da cientificidade, e em que a disjunção sujeito e razão, implica na exclusão da razão do campo da existencialidade. Por isso, o lugar de um saber que insiste numa teoria do sujeito, é um lugar gerador de angústia e perplexidade. Porém, é, também, o signo privilegiado de uma incerteza que nos impõe o árduo trabalho da reflexão e nos lança no caminho daquele pensamento fundamental que, no dizer de Heidegger, "abre sulcos invisíveis na linguagem... mais invisíveis que os sulcos que o camponês, a passo lento, traça pelo campo".



Carlos Roberto Drawin

Psicólogo e professor de Filosofia da UFMG

CONSELHO
REGIONAL DE
PSICOLOGIA
CRP - 04



INCESTO

- **Examinar o incesto** significa olhar mais devidamente a noção de família - Enfoque psicológico por Túlio Lamounier Barbosa.
- **A proibição do incesto** instaura uma troca de mulheres entre os homens por meio de dádiva - Uma abordagem antropológica por Josefina Pimenta Lobato.

E S C U T A

SUPLEMENTO DO JORNAL DO PSICÓLOGO

BELO HORIZONTE, ANO 10 • Nº 44
NOVEMBRO/DEZEMBRO 1993

MARCELO KRAISER



INCESTO: nova (d

Túlio Lamounier Barbosa

O abuso sexual de crianças e adolescentes tem ocupado uma considerável fatia da atenção dos profissionais de saúde em nosso país. Incesto, estupro e pedofilia tem sido relacionados com frequência tanto na clínica particular como nos organismos de proteção à cidadania de jovens.

Áreas de interesse constante na Antropologia e Psicologia, as uniões incestuosas apresentam um dos mais problemáticas e relevantes campos de estudo das relações humanas, ao mesclar e fundir conceitos vinculados à noção de família, cultura e sexualidade. A palavra latina INCESTU, basicamente significando ilícito, conota um senso de repulsa moral e ética nas relações sexuais que é baseado na transgressão social a uma norma cultural. Examinar o incesto significa olhar mais detidamente a noção de "família", de como a vemos no limiar do século 21.

Na concepção materialista da História, exposta por ENGELS (1884), afirma-se que "a ordem social em que vivem os homens em determinada época ... está condicionada por essas duas espécies de produção: pelo grau de desenvolvimento do trabalho por um lado e da família, de outro".

A "família", consórcio entre homem e mulher, surge na Civilização Romana como indicativo de uma relação social onde o homem mantinha sob o seu controle mulher, filhos e escravos, com direito de vida e de morte (patria potestas). A paternidade inquestionável exige fidelidade obrigatória da mulher a esse homem, pela transmissão da riqueza acumulada à prole, como herança. O casamento monogâmico, a grande derrota histórica da mulher, introduz na família, entre outros valores, a proibição das relações sexuais e o acasalamento entre pais e filhos e entre estes.

LEVI-STRAUSS (1980) sustenta que a proibição ao incesto é o processo pelo qual, graças ao qual e sobretudo no qual se efetua a passagem da natureza à cultura, pois "... estabelece uma mútua dependência entre famílias, abrigadoras, com o fim de se perpetuarem à si mesmas, à criação de novas famílias".

Em outra vertente do pensamento, FREUD (1905) elege a incorporação de preceitos morais, através da barreira ao incesto, como herança orgânica que possibilita à criança a escolha objetual necessária ao seu próprio desenvolvimento, excluindo

dessa escolha, portanto, os parentes consanguíneos, o que demonstra o esforço da psicanálise em inscrever no plano teórico a temática da sexualidade no sistema da lei e da ordem simbólica.

"... O respeito por essa barreira é essencialmente uma exigência cultural feita pela sociedade... e (no caso dos adolescentes) procurar por todos os meios possíveis afrouxar os laços deles com a família - laços que, em sua infância, são os únicos importantes". (FREUD, op. cit., p. 232)

Mais do que tóxico de uma sexualidade perversa, o incesto denunciaria uma possível patologia social?

Nosso contato direto e de longos anos com populações marginalizadas e de classe média indica que existe um processo em movimento que certamente viabiliza comportamentos "anti-sociais" nas relações amorosas e sexuais. Um dado que surgiu com relevância em nossos atendimentos era o de que a consumação do incesto era aceita pela vítima desde que não houvesse sofrimento físico acentuado - espancamento, sadismo - havendo até, em alguns casos, mútua consentimento por afeição (entre irmãos, p.ex.). Constatou-se também a participação ativa ou complacente das mães das vítimas, ao permitir ou mesmo estimular o incesto como meio de manutenção de sua "família".

Em dois casos atendidos o agressor era do sexo feminino (mãe e tia) e envolveram jovens do sexo masculino de 12 e 15 anos de idade. Atendev-se casos de jovens do sexo masculino que foram submetidos à violência sexual por agressores do mesmo sexo, consanguíneos.

Embora não pudéssemos perceber um perfil uniforme do perpetrador do incesto, dados coletados pelo Child Abuse Program Annual Report (1987), nos Estados Unidos, revelam que o perpetrador do abuso é geralmente jovem, do sexo masculino e conhecido da criança. Os pais (15%), o padrasto (8%) e o tio (7%) são os que mais cometem incesto e/ou pedofilia com crianças e jovens. Acredita-se também que apenas 25% dos casos (um em quatro) são comunicados aos serviços de saúde e à autoridade judicial.

Como registro da extensão do fenômeno, cita-

es) ordem amorosa?

temos quatro casos que nos fornecem subsídios para a reflexão sobre o tema.

CASO Nº 1 - Lavrador, viúvo, 47 anos, oriundo do interior do Estado, migrou para a Capital junto com as três filhas, duas já maiores de idade e uma adolescente de 16 anos, vindo a morar numa das favelas da região metropolitana. Denunciado por abuso sexual (incesto) pela filha mais nova, descobriu-se que após a sua viuvez passou a manter relações sexuais com as 3 filhas, de comum acordo e com consentimento das mesmas. Possuía um filho de 8 anos com a filha do meio e matou um filho da união com a mais velha após o nascimento. Apurou-se nas entrevistas e no inquérito policial, confirmada pela filha mais nova, que a mesma só fez a denúncia por estar com ciúmes do pai com as outras irmãs, já que estas tinham a preferência dele quando mantinham relações sexuais. Vizinhos relataram que a "família" vivia bem e que mesmo após os fatos se tornarem públicos, o pai/marido era considerado "um homem direito e cumpridor dos seus deveres". A filha mais nova, por algum tempo, teve problemas de rejeição por parte de suas irmãs e de vizinhos, por ter denunciado o pai.

CASO Nº 2 - Mecânico, casado, 23 anos, com filho de dois anos de idade, expulsou a esposa de casa para viver maritalmente com sua irmã de 13 anos, que até então servia de babá a seu filho. Denunciado pela esposa por não concordar em dar-lhe uma "mesada", já que esta tinha emprego fixo, o novo casal vive com o filho, cuidado pela tia/esposa, que aceita tranquilamente o relacionamento com seu irmão/esposo. A mãe do casal, com mais seis filhos, não opôs resistência à união sexual entre dois de seus filhos. Todos moram na mesma favela, em locais separados, e, segundo vizinhos, o novo casal vive bem e é aceito pela comunidade.

CASO Nº 3 - Menina de sete anos, violentada aos três anos de idade por eventual companheiro de sua mãe, a qual habitava moradia comum com mais duas irmãs e quatro sobrinhos, entre os quais uma adolescente de 14 anos. O referido companheiro era também amante das outras duas irmãs e mantinha relações sexuais consentidas com a sobrinha de sua mulher, de 14 anos. A vítima apresentava retardos de desenvolvimento físico e psicológico, sofria de insônia, terror noturno e costumava disputar, mesmo depois de alimentada, restos de comida com o cachorro do

caso; até há pouco curava-se de doença venérea grave e, exceto pelos cuidados médicos, não recebia nenhum outro tipo de atendimento. O agressor, mesmo preso, recebe regularmente visitas conjugais das irmãs e sobrinha da companhia. Vizinhos denunciaram o ocorrido com a criança e quase lincharam o agressor.

CASO Nº 4 - Adolescente, 13 anos, residente em bairro de classe média, encaminhada por denunciar abuso sexual de seu pai, que a vem molestando desde que possuía sete anos, mediante ameaças e espancamentos. Sua mãe procurou encobrir os fatos e proteger o marido agressor. Após o estudo do caso, a decisão judicial, além de não proteger a jovem, manteve o pai na família, com a justificativa de ser ele o esteio econômico da mesma, apenas sugerindo que construísse um cômodo nos fundos do terreno para si. Os problemas continuam para a adolescente, que solicitou à autoridade judicial uma autorização para morar com uma tia, negada.

Evidentemente, inúmeros fatores psicossociais destacam-se nessa controversa temática no incesto, muitos deles apontando transformações na "família", sociedade e no exercício da sexualidade, os quais pretendemos acompanhar na trajetória de nossa pesquisa.

BIBLIOGRAFIA

- ENGELS, Friedrich: "A origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado". Ed. Civilização Brasileira, 1985.
- FREUD, Sigmund: (1905) "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade" - Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Ed. Standard Brasileira, 1ª Ed., Rio de Janeiro, Imago - 1972, vol. VII, p. 123-250
- LEVISTRAUSS et alii: "A família, origem e evolução" - Ed. Villa Martha, Porto Alegre, 1980
- Child Abuse Program Annual Report 1986-1987: Columbus, Ohio - Children's Hospital

O autor é mestrando em Psicologia Social pela UFMG, psicólogo com atuação nas áreas de Psicoterapia de Família, instituições e Saúde Comunitária.



A proibição do incesto: passagem da natureza à cultura

As relações incestuosas têm sido consideradas, nas mais diferentes épocas e lugares, como intrinsecamente perniciosas, condenáveis. As pretensas exceções a essa condenação unânime ao incesto - a dos casamentos entre irmãos nas famílias reais do Egito Antigo, do Império Inca e do Havaí - longe de a negar, confirmam-na. Isso porque a aceitação por esses povos de relações que seriam proibidas como incestuosas do ponto de vista de outras sociedades não deve ser tomada como um indicio do desconhecimento, entre eles, da noção de incesto e de sua proibição, mas apenas da adoção de uma forma diferente de classificar as relações que se enquadram nessa categoria. A universalidade da regra não significa, contudo, a universalidade de sua observância. Médicos, sacerdotes, educadores e psicanalistas sabem muito bem que o incesto é uma realidade bem mais frequente do que geralmente se imagina (1). Esses casos de exceção dizem respeito, no entanto, ao cumprimento da proibição e não ao seu estabelecimento.

Tais considerações nos induzem a perguntar a razão pela qual o incesto tem sido tão veementemente e extensivamente condenado. Refletindo sobre essa questão, os cientistas sociais têm dado as mais diversas explicações. Alguns (Morgan e Maine), mencionando as consequências genéticas nefastas provenientes de tal relacionamento, outros (Havellock Ellis e Westermack), referindo-se ao sentimento de horror que tal possibilidade induz e outros ainda (Durkheim), referindo-se a causas estritamente sociológicas.

Insatisfeito perante tais explicações, Lévi-Strauss desloca completamente a forma pela qual o problema tem sido posto (2). Em vez de ver a proibição do incesto pelo seu lado negativo, o de proibição, ele a vê pelo seu lado positivo, o da dádiva. Em vez de tratá-la como uma questão meramente sexual ele a aborda como uma estipulação que diz respeito às relações matrimoniais:

A proibição do incesto é menos uma regra que proíbe casar-se com a mãe, irmã ou a filha do que uma regra que obriga a dar a outrem a mãe, irmã ou a filha. É a regra do dom por excelência. É realmente esse aspecto, frequentemente demasiado desconhecido, que permite compreender o caráter dela (Lévi-Strauss, 1976:522). Grifos meus.

Sob esse ângulo, a proibição instaura, através de dádivas matrimoniais sucessivas, uma troca de mulheres entre homens. Tal hipótese que coloca as mulheres como objetivos de transação entre homens causa de modo geral um impacto negativo, sobretudo de um ponto de vista feminista. É preciso lembrar, todavia, que o fato das mulheres serem dadas em casamento, e não os homens, decorre, no dizer de Lévi-Strauss, delas serem "os valores por excelência, tanto do ponto de vista biológico, quanto do ponto de vista social" (3) (1976:521). Além disso, a troca instaurada por meio da dádiva é qualitativamente diversa da troca comercial. Enquanto essa última fundamenta-se em relações contratuais impessoais, a feita por meio dos dons recíprocos cria laços de amizade, aliança e solidariedade entre os que nela se engajam. Somente devido a inexistência de uma palavra apropriada para expressar a obrigação de retribuir, instaurada pelo ato de dar (4), é que o termo troca é utilizado.

Aceitando tal hipótese, resta saber por que em todas as épocas e lugares a proibição do incesto é pensada como necessária. Para que a sociedade humana exista, responde Lévi-Strauss: "antes dela a

cultura ainda não está dada. Com ela a natureza deixa de existir no homem como um reino soberano" (1976:63). É por meio da comunicação instaurada pela distribuição de mulheres que a ordem social se constitui e os grupos familiares se abrem uns aos outros:

No fundo, a proibição do incesto afirma somente que as famílias (qualquer que seja a definição) podem casar-se entre si, mas não dentro de si mesmas (Lévi-Strauss, 1987:36)

A apreensão da proibição do incesto como uma renúncia que implica em uma dádiva, proposta por Lévi-Strauss, encontra-se presente também na interpretação psicanalítica do complexo de Édipo. É pela renúncia à mãe que o filho, ao obedecer à Lei, adquire o direito de obter uma mulher para si. Nesse sentido a interdição do incesto fundamenta o próprio psiquismo. A noção de troca de mulheres também tem se revelado como um instrumental útil à elucidação de certos casos clínicos. Por meio dela foi possível à George Devereux (1975) compreender melhor os sonhos de um de seus analisandos que expressam, de forma inconsciente, conflitos decorrentes de exigências impostas pela necessidade da troca e das consequências que daí decorrem.

NOTAS

1. Na reportagem *L'incest en France*, por exemplo, publicada no *Le Nouvel Observateur* de 11 de Novembro de 1983 fica bem evidente que na França, e não somente lá, esse tabu fundamental tem sido frequentemente transgredido: "l'inceste est une réalité quotidienne. Inavoué, inavouable, c'est sans doute le secret le mieux gardé, le plus terrible, le seul que ait résisté à la grande mané permissive" (p. 36).

2. Para uma explicação detalhada das razões pelas quais essas explicações são insatisfatórias, ver Lévi-Strauss (1976:50-63).

3. Para uma discussão das implicações que as noções da mulher como um valor e a do casamento como uma troca de mulheres entre homens traz à luta feminista pela igualdade sexual, ver Lobato (1992).

4. Para uma melhor compreensão das implicações ao ato de dar, receber e retribuir, ver Mauss (1974).

BIBLIOGRAFIA

- DEVEREUX, George. 1975. "Consideraciones Etnopsicoanalíticas Acerca de la Noción de Parentesco". In: *Etnopsicoanálisis Complementarista*. Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- LEVI-STRAUSS, Claude. 1976. *As Estruturas Elementares do Parentesco*. Petrópolis: Vozes
- LEVI-STRAUSS, Claude. 1987. "La Familia". In: *GOUGH et al. Polemica sobre el Origen y la Universalidad de la Familia*. Barcelona: Editorial Anagrama.
- LOBATO, Josefina Pimenta. 1992. "Troca de Mulheres: Destino ou Opção?". In: *Anuario Antropológico* 88. Brasília, Rio de Janeiro: Editora da Universidade de Brasília, Editora Tempo Brasileiro.
- MAUSS, Marcel. 1974. "Ensaio sobre a Dádiva: Forma e Razão da Troca nas Sociedades Arcaicas". In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Josefina Pimenta Lobato

Professora do Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal de Minas Gerais.



CONSELHO
REGIONAL DE
PSICOLOGIA
CRP - 04



E N C A R T E
JORNAL DO PSICÓLOGO

BELO HORIZONTE, ANO 10 • Nº 44
NOVEMBRO/DEZEMBRO 1993

Sobre a redefinição da Psicologia

Avança nosso processo constituinte. Você tem participado, por certo! Afinal, coisa tão importante: pensar, refletir, produzir novos conhecimentos sobre constituição, nossa identidade. Talvez você ainda não saiba: o CRP-04 encomendou uma pesquisa para ouvir o que a sociedade pensa de nossos serviços...

E você, o que pensa da nossa Psicologia? Qual o nosso espaço na sociedade? Precisamos de mais o que? Legalmente, estruturalmente, institucionalmente... Existem questões importantes, já levantadas nas discussões de base realizadas até agora.

Questões fundamentais dizem respeito à formação, tanto de quem ainda frequenta as escolas de graduação quanto àqueles que já se "formaram" mas carecem de complementação/atualização. Por exemplo: o psicólogo deve ter uma formação generalista ou será melhor que seja especialista num certo campo da Psicologia? E estas terapias alternativas? Que têm a ver com a Psicologia? Sabemos que muitas vezes servem de escudo para que pessoas sem nenhuma formação acadêmica regular, realizem trabalhos que se pretendem "psicoterapêuticos", disfarçados de "terapeutas" adjetivados das formas mais diversas: naturoterapeutas, florais, cantoterapeutas, etc...

Todos pretendem intervir no psiquismo, nos aspectos emocionais e psicológicos (conscientes e/ou inconscientes). E aí, o que temos a ver com isto? A pergunta tem pelo menos dois sentidos: Qual a nossa responsabilidade social sobre tudo isto, na medida em que ao nos formarmos em Psicologia, muitas vezes com dinheiro público, assumimos o compromisso social e ético de zelar pela ciência psicológica e pela qualidade dos seus serviços profissionais. É função do Conselho mas é também tarefa ética de todo profissional. Um segundo sentido nos faz perguntar sobre o que é Psicologia. Como delimitar nosso campo de atuação/responsabilidade? Demos um exemplo da clínica, mas não é só aí que ocorrem problemas. Nas organizações/instituições, na comunidade, nas escolas... temos questões sobre definição de nossas funções, limites, direitos (isonomia salarial, por exemplo).

Esta é a hora de refletirmos sobre nossas questões e traçarmos os caminhos técnicos/políticos a seguir. Como nos organizar? Precisamos de uma instituição específica do nosso ofício? Um Conselho? Uma Ordem? Nada? Podemos lutar para mudar nossa legislação no que diz respeito à profissão e aos Conselhos. O processo constituinte visa também a isto. Mas nada representará sua necessidade e desejo se você não participar. Fale com a gente. Desde já elaboramos este encarte com o propósito de mantê-lo informado sobre o *Processo Constituinte da Psicologia no Brasil*: nome comprido e institucional, mas que pode representar a sua palavra.

CONGRESSO REGIONAL CONSTITUINTE - REGIMENTO

I - DOS OBJETIVOS:

Art. 1º - **Geral**: - Aproximar os fazeres da Psicologia às demandas da Sociedade;
 - Promover a organização/mobilização dos psicólogos;
 - Refletir sobre os diversos fazeres da Psicologia;
 - Promover a construção de um ETHOS da Psicologia;
 - Refletir sobre a forma de institucionalização da Psicologia do Brasil, promovendo, inclusive, a alteração de seu estatuto legal.

Art. 2º - Específicos:

- Discutir e aprovar propostas para o Congresso Nacional Constituinte (CNC).
- Encaminhar as propostas no Congresso Regional Constituinte, à Comissão Organizadora Constituinte a nível nacional.
- Eleger os Delegados para o CNC.

II - DA PREPARAÇÃO:

Art. 3º - Serão realizados encontros preparatórios nas seguintes micro-regiões: Juiz de Fora, Governador Valadares, Coniagam, Poços de Caldas, Uberaba, Uberlândia, Barbacena, Sete Lagoas, Montes Claros, Ipatinga, Varginha, São João del Rei, Vitória e Cachoeiro do Itapemirim
 Art. 4º - Em Belo Horizonte serão realizados encontros preparatórios por áreas de atuação, conforme cronograma 2.
 Art. 5º - De todos estes encontros sairão as propostas a serem discutidas e votadas no CRC.
 & Único - Todas as propostas individuais ou de grupo de psicólogos, deverão ser encaminhadas para apreciação nos encontros preparatórios do CRC.

III - DA REALIZAÇÃO:

Art. 6º - O Congresso Regional Constituinte (CRC) será realizado em Belo Horizonte, no período de: 21 e 22 de maio de 1994.

IV - DOS PARTICIPANTES DO CRC:

Art. 7º - Participação do CRC, com direito a voz e voto, os delegados eleitos nos encontros preparatórios, conforme segue:
 - 1 delegado para cada grupo de 100 psicólogos residentes na micro-região.
 - 1 delegado para cada fração acima de 50 psicólogos.
 - Em Belo Horizonte o total de delegados potenciais será dividido equitativamente pelas áreas de atuação em que houver encontro preparatório.
 Art. 8º - No plenário do CRC serão eleitos delegados para o CNC, com a aprovação de 2/3 ou mais dos participantes votantes credenciados.
 Art. 9º - Todos os delegados deverão ser oficialmente inscritos e cadastrados na Secretaria Executiva do CRC, quando receberem crachá específico e cartão para a votação.
 Art. 10º - Poderão inscrever participantes que serão credenciados sem direito a voto.
 Art. 11 - Os delegados regionais constituintes inscritos receberão cartão numerado visível da mesa diretora, identificado com o seu nome, para efeito de votação.

V - DOS TRABALHOS:

Art. 12 - Todas as deliberações se darão em sessão plenária.
 Art. 13 - A mesa diretora do CRC encaminhará as discussões, votação e redação final das propostas aprovadas pelo plenário e será composta por 01 Presidente, 03 Secretários e 03 Relatores.
 & Único - A mesa diretora terá a lista dos delegados constituintes e dos participantes inscritos.
 Art. 14 - O CRC será instalado na data prevista com a inscrição de 3/4 ou mais dos delegados do universo previsto.
 Art. 15 - As plenárias só poderão deliberar com a presença, no recinto da sessão, de 2/3 ou mais dos delegados constituintes inscritos.
 Art. 16 - As discussões e votação obedecerão ao texto base na ordem por esta proposta.

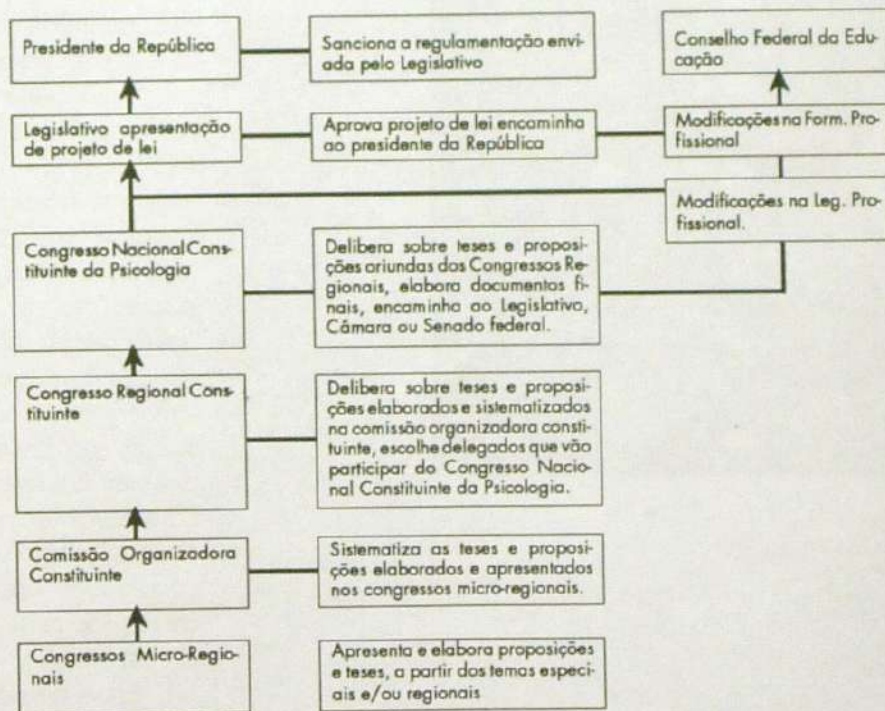
Art. 17 - Todas as questões poderão ter até dois encaminhamentos a favor e dois contra.
 Art. 18 - A mesa diretora poderá autorizar a abertura de mais inscrições até o limite de cinco encaminhamentos a favor e cinco contra.
 Art. 19 - As deliberações serão tomadas por maioria qualificada de no mínimo 2/3 dos votos válidos.
 & Primeiro - Havendo mais de duas propostas, a votação será encaminhada por eliminação da menos votada, até defini-se o texto final.
 & Segundo - Serão registrados como menção as propostas que receberem 50% ou mais dos votos válidos.

VI - DISPOSIÇÕES GERAIS:

Art. 20 - A Comissão Regional Constituinte será responsável pela organização do CRC.
 Art. 21 - A presidência da sessão de abertura do CRC caberá a Presidente do CRP-04 e a composição da mesa será definida pela Comissão Regional Constituinte.
 & Único - A essa mesa caberá o encaminhamento da eleição da mesa-diretora do CRC.
 Art. 22 - A mesa-diretora eleita, encaminhará a votação do Regimento Interno do CRC.
 Art. 23 - O tempo máximo de intervenção nos debates será de dois minutos, com mais um

minuto de tolerância e deverá se restringir ao item em debate.
 Art. 24 - Os aportes, se concedidos pelo orador, serão abatidos do tempo da sua intervenção.
 Art. 25 - As "questões de ordem" terão prioridade sobre as "questões de encaminhamento" e, estas, sobre as "intervenções de mérito".
 & Único - Caberá à mesa diretora acatar ou não as "questões de ordem" e de "encaminhamento".
 Art. 26 - As inscrições para intervenções deverão ser feitas previamente com o Secretário da mesa, designado para tal.
 Art. 27 - Nas votações a apuração será feita pelo levantamento dos cartões dos delegados com direito a voto. Nos casos de eventual dúvida, a mesa fará a verificação nominal.
 Art. 28 - Em todas as sessões haverá lista de presença identificadora, para comprovação de quorum.
 Art. 29 - Não será viabilizada nenhuma reunião paralela no horário das sessões.
 Art. 30 - Será elaborado para fins de registro histórico, um relatório final, que contará além das propostas vencedoras e menções, as objeções e votos vencidos.
 Art. 31 - Instalada o CRC e eleita a sua mesa diretora, fica extinta a Comissão Regional Constituinte; permanecendo o Comitê Executivo, sob a coordenação da mesa diretora.

AS INSTÂNCIAS DECISÓRIAS PARA A NOVA REGULAMENTAÇÃO PROFISSIONAL DA PSICOLOGIA (NO BRASIL)



LINHA BÁSICA PARA DISCUSSÕES INSTITUCIONALIZAÇÃO

